CILENE CAMPETELA

Análise do Sistema de Marcação de Caso nas Orações Independentes da Língua Ikpeng

Campinas
UNICAMP
1997

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

CILENE CAMPETELA

Análise do Sistema de Marcação de Caso nas Orações Independentes da Língua Ikpeng

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Lingüística.

Orientadora: Profª Dra. Lucy Seki

Campinas
UNICAMP
1997

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA IEL - UNICAMP

C154a

Campetela, Cilene
Análise do sistema de marcação de caso nas orações independentes da língua ikpeng (karib) / Cilene Campetela - - Campinas, SP [s.n.], 1997

Orientador Lucy Seki
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem

1. Línguas indígenas - gramática 2. Línguas indígenas - morfologia I. Seki, Lucy II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem III. Título

BANCA EXAMINADORA

Dra. Lucy Seki (Orientadora)

Dr. Angel Corbera Mori

Dra. Maria Bernadete Marques Abaurre

Este exemplar é a redação final da tese defendida por CIKENE CAMPEREZA

e aprovada pela Comissão Julgadora em 17/02/97.

Profa. Dra. Lucy Seki

Data de aprovação: ____/____/____

Dedico este trabalho

A MINHA FAMÍLIA,

À COMUNIDADE IKPENG

e a todos aqueles que de alguma forma
contribuíram para a realização desta dissertação.

Meus sinceros agradecimentos

à LUCY SEKI

ao FRANTOMÉ BEZERRA PACHECO (FRAN)

ao CACIQUE MELOBO e ao OPORIKE,
ao KOROTOWÏ, IOKORÉ, NAPIKÏ, MAIUÁ
e a todos os meus "professores" Ikpeng

SUMÁRIO

I. INTRODUÇÃO 13

I.1. O Povo Ikpeng 15

I.2. A Língua Ikpeng 17

I.3. Os dados 20

II. ASPECTOS DA FONOLOGIA E DA GRAMÁTICA DA LÍNGUA IKPENG 27

II.1. Considerações sobre a Fonologia 27

II.1.1 Considerações sobre o Ritmo e o Acento do Ikpeng 37

II.2. Aspectos da Gramática 41

II.2.1. Classes de Palavras 41

A.. Nome 41

B. Pronome 54

C. Adjetivo 60

D. Advérbio 62

E. Posposição 64

F. Verbo 72

F.1. Afixos Verbais 75

F.1.1. Tempo Passado 75

F.1.2. Tempo Não-Passado 78

F.1.3. Continuativo 79

F.1.4. "Verbo de Estado" 80

F.1.5. Forma do "Particípio 82

F.1.6. Aspecto Verbal 84

F.1.7. Plural do Objeto (Iterativo) 84

F.1.8. Reflexivo 86

F.1.9. Causativos 88

II.3. A Oração Independente: Ordem e Apagamento de Constituintes 89

II.3.1. Ordem de Constituintes 93

II.3.2. Apagamento de Constituintes 94

III. O SISTEMA DE MARCAÇÃO DE CASO NAS ORAÇÕES INDEPENDENTES DA LÍNGUA IKPENG 98

III.1. Introdução 98

III.2. Recursos da Língua para Expressar Funções Sintáticas 103

III.2.1. O Verbo Intransitivo 103

III.2.2. O Verbo Transitivo 111

III.2.2.1. Considerações sobre a primeira pessoa do plural exclusivo 123

III.2.3. Marcação de Caso da Língua Ikpeng 129

III.3. Hierarquia de Pessoas 133

III.4. O Sistema de Marcação de Caso nas Orações Independentes da Língua Ikpeng 137

III.5. A Língua Ikpeng como Língua da Família Karib 141

IV. CONCLUSÃO 147

NOTAS 148

MAPA 152

FIGURAS 153

BIBLIOGRAFIA 156

ABREVIATURAS

A	Sujeito de verbos transitivos
ALAT.	Alativo
ASP.	Aspecto
AUX.	Auxiliar
CAUS.	Causativo
COL.	Coletivo
CONT.	Contínuo
DAT	Dativo
DES	Desiderativo
DIR.	Direcional
IM.	Passado Imediato
IMP.	Imperativo
INT.	Interrogativo
INV	Prefixo Invariante
LN	Locução Nominal
LN(A)	Locução Nominal em função de A
LN(O)	Locução Nominal em função de O
LOC.	Locativo
MD.	Marca Discursiva
NPASS.	Não Passado

O	Objeto de verbos transitivos
PART	Particípio
Pl	Plural
POSP	Posposição
POSS	Marcas de Possuidor
PRO	Pronome Independente
REC.	Passado Recente
REFL.	Reflexivo
REM.	Passado Remoto
S	Sujeito de verbos intransitivos
Sa	Sujeito de verbos intransitivos ativos
So	Sujeito de verbos intransitivos estativos
VERB.	Verbalizador
1	Primeira pessoa do singular
2	Segunda pessoa do singular ou do plural
3	Terceira pessoa do singular ou do plural
1+2	Primeira pessoa dual (inclusivo)
1+2pl.	Primeira pessoa do plural inclusivo
1+3	Primeira pessoa do plural exclusivo

SÍMBOLOS

[±] Especificação da categoria semântica marcada/não marcada.

[ ] Representação da Transcrição Fonética

/ / Representação da Transcrição Fonológica

{ } Representação do Morfema Básico

' Sílaba proeminente

~ Alternância fonológica

∞ Alternância morfológica

- Segmentação de morfemas

Ambiente em que ocorre o Apagamento de uma Locução Nominal

/ Sílaba forte

\ Sílaba fraca

≈ Equivalência

> Superior a

RESUMO

Esta dissertação apresenta uma análise preliminar do Sistema de Marcação de Caso nas Orações Independentes da Língua Ikpeng (Karib), mais conhecida como "Txikão". Esta língua é falada por cerca de duzentas pessoas, localizadas na região do Alto Xingu, estado do Mato Grosso.

Descrevemos, ainda, alguns aspectos da fonologia e da morfossintasse do Ikpeng, relevantes para a análise proposta, tendo em vista que, até recentemente, a língua não possuía nenhuma análise gramatical.

I

INTRODUÇÃO

O objetivo desta dissertação consiste em apresentar uma análise do sistema de marcação de caso nas orações independentes da língua Ikpeng, pertencente à família linguística Karib. Para tanto, optamos por uma abordagem funcional tipológica, do tipo proposto nas obras de autores como Comrie, Dixon, Nichols & Woodbury, Givón, Shopen (ed.) entre outros.

Serão estudados os mecanismos utilizados na língua para marcar as relações sintático-semânticas dos nominais com o verbo. Pudemos comprovar através da análise da língua Ikpeng, que esta não possui caso morfológico, como aquele presente em algumas línguas da mesma família como o Makushi e o Kuikuro; por

isso, analisaremos outros mecanismos de marcação de caso, como a ordem de constituintes e os marcadores de pessoa no verbo.

A família Karib ainda é pouco conhecida e os estudos lingüísticos existentes sobre o Ikpeng são escassos, limitando-se ao nível fonológico. O estudo proposto pretende contribuir não apenas para o conhecimento da própria língua Ikpeng, mas também fornecerá dados para subsidiar estudos comparativos que visam melhor compreender as relações internas das línguas da família Karib.

Este estudo ainda poderá contribuir para a formação de professores indígenas, em cursos que vêm se realizando no PI Pavuru, e para o desenvolvimento de uma educação formal bilingüe na aldeia Ikpeng.

Neste capítulo introdutório, apresentamos os objetivos a serem atingidos no estudo desenvolvido e a justificativa. Apresenta-se, também, o povo Ikpeng e sua língua, além de alguns dados referentes aos indivíduos que atuaram como informantes. Focaliza-se, ainda neste capítulo, a abordagem metodológica utilizada.

O segundo capítulo contém algumas considerações sobre a fonologia e aspectos da morfossintaxe da língua, relevantes para o tratamento do sistema de marcação de caso, e necessárias, considerando-se que não existia, até então, nenhum tipo de análise gramatical do Ikpeng.

As considerações sobre a fonologia da língua Ikpeng foram baseadas em um estudo já existente sobre a fonologia segmental (Emmerich, 1971), e expostas

brevemente no âmbito desta dissertação, tendo em vista que, neste momento, não pretendemos desenvolver uma análise fonológica exaustiva[1].

Por fim, no terceiro capítulo, através da análise do sistema de marcação de caso da língua Ikpeng, mostramos o motivo que nos leva a crer que se trata de uma língua cujo caso é, predominantemente, ativo-estativo, com cisões do tipo tripartido e nominativo, condicionadas pela natureza dos verbos, dos nominais e pela ordem de constituintes.

I.1. O Povo Ikpeng

Ikpeng é a autodenominação do povo comumente conhecido pelo apelido "Txikão", considerado pejorativo por ele. Até 22 de outubro de 1964, os Ikpeng permaneceram arredios e hostis. Segundo Galvão e Simões (1965), a presença dos Ikpeng se afirmava por repetidas correrias e hostilidades num território em que, a par da forte homogeneidade cultural, as relações intertribais eram "pacíficas".

A tentativa de primeiro contato com os Ikpeng, então localizados à margem direita do rio Batovi, foi estabelecida por Claudio Vilas-Boas. No entanto a aproximação e contato amistosos foram repelidos com hostilidade.

Em 1964, os Vilas-Boas estabeleceram o primeiro contato. Naquela época, o povo Ikpeng era constituído de quarenta pessoas: oito mulheres e trinta e dois homens (Galvão e Simões, 1965). Antes do contato, a aldeia localizava-se fora dos

limites do Parque Indígena do Xingu e, em 1965, o povo foi transferido para dentro destes limites, mais especificamente para as proximidades do Posto Indígena Leonardo Vilas-Boas. A influência da cultura alto-xinguana na cultura Ikpeng foi bastante significativa. No entanto, mantiveram, em essência, sua própria cultura e seus costumes (c.f. Menget, 1977).

Com o crescimento do grupo, os Ikpeng se deslocaram para o Médio-Xingu. Atualmente, a aldeia está localizada à margem esquerda do rio Xingu, próximo ao PI Pavuru. A população da aldeia soma cerca de 200 pessoas. Frantomé B. Pacheco, durante seu trabalho de campo (maio/1995), realizou um senso populacional, por família. O resultado mostrou que, do total de pessoas, a comunidade conta com 109 homens e 97 mulheres, incluindo-se neste total seis índios Waurá, uma índia Trumai, uma índia Kamaiurá e três índios Kaiabi, incorporados seja por seqüestros, seja por uniões matrimoniais.

Geralmente, tanto homens quanto mulheres Ikpeng, trazem os parceiros de matrimônio para sua própria aldeia. É interessante observar que, mesmo a par das guerras de outrora, a rivalidade entre os povos não se manteve, foi amenizada. Hoje, eles mostram uma convivência pacífica, até mesmo quando habitam uma mesma aldeia. São raros os casos em que índios Ikpeng se deslocam para aldeias de outros povos.

Parte do povo Ikpeng está planejando se deslocar para as margens do rio Ronuro, a fim de instalar um PIV (Posto Indígena de Vigilância), com o objetivo de

impedir a entrada de pescadores e madeireiros na região do Parque Indígena do Xingu. Em 1993, visitaram o local em que será instalado, além do PIV, uma outra aldeia e, como narra a história[2] de Napikï Talïgu Ikpeng, fizeram duas roças de mandioca e construíram uma casa. Porém, o território foi novamente abandonado, devido à falta de interesse por parte das autoridades competentes em instalar um PIV naquela área.

Segundo os próprios Ikpeng o rio Ronuro, justamente por não ser vigiado, é um dos rios de mais fácil acesso "clandestino" ao Parque Indígena do Xingu. Em dezembro de 1996, uma das famílias se mudou definitivamente para esta região, nos limites entre o Parque Indígena do Xingu e uma fazenda.

I.2. A língua Ikpeng

A língua Ikpeng é uma das vinte e uma línguas da família Karib faladas no Brasil. Segundo Aryon D. Rodrigues (1986), a maior parte delas situa-se ao norte do rio Amazonas, da Costa Atlântica até oeste de Roraima, no Amapá, no norte do Pará e no estado do Amazonas.

Há línguas Karib também ao sul do rio Amazonas. Estas se subdividem em três grupos: no Baixo Xingu, região do Pará estão os Arara; na região do Alto Xingu, em Mato Grosso, encontram-se os Kuikuro, Kalapalo, Matipu, Nahukwá e

Ikpeng; também no Mato Grosso, ao sudoeste do Parque Xingu, localizam-se os Bakairi. (c.f. figura 01)

Como mencionado, os Ikpeng se localizavam a sudoeste do Alto Xingu e recentemente se transferiram para dentro dos limites do Parque Xingu, onde estão também os povos Kalapalo, Kuikuro, Nahukwa/Matipu, falantes de línguas Karib.

Uma comparação lexical feita por Aryon D. Rodrigues mostra que o Ikpeng possui maior afinidade lingüística com o Arara do Pará.

Os estudos existentes sobre o Ikpeng são, principalmente, de natureza antropológica como o artigo de Eduardo Galvão e Mário Simões (1965) intitulado *Notícias sobre os Índios Txikão - alto Xingu* e a tese de doutorado de Patrick Menget (1977) intitulada *Au Nom des Autres: Classification des relations sociales chez les Txikão du Haut-Xingu (Brésil).* Os estudos lingüísticos já realizados são exclusivamente fonológicos: Emmerich (1972) *A Fonologia Segmental da Língua Txikão: Um Exercício de Análise* e Emmerich (1991) *Padrões Distribucionais na Língua Txikão.*

Uma análise comparativa da morfossintaxe de línguas Karib apresentada em tese de doutorado por Spike Gildea (1992) não considerou dados da língua Ikpeng justamente pela ausência, até então, de estudos relativos à gramática da língua.

Nas tabelas 1, 2 e 3 (c.f. figura 02), incluímos três propostas de classificação das línguas da família Karib. Como podemos verificar na tabela de Girard, publicada

em 1972, oito anos após o primeiro contato com os Ikpeng, sequer consta a existência da língua.

A tabela de Durbin (1977) considera que a língua Txikão é uma das línguas Karib faladas ao Norte do Rio Amazonas. Esta classificação contraria aquela proposta por Kaufman (1989), em que se considera, além da divisão entre línguas Karib do Norte e línguas Karib do Sul do Rio Amazonas, uma subdivisão entre as línguas Karib do Sul: o grupo Arara, em que se encontra a língua Txikão; e o grupo Bakairi, em que estão o Kuikuro, o Kalapalo e o Matipu.

Segundo Gildea (1992: 10),

> *the dramatic differences among these classifications reflect the fact that each linguist had to draw conclusions from minimal data, such that minor differences in interpretation of a single sound change lead to entirely different classifications of a given language.*

Esta dissertação poderá contribuir não apenas para o conhecimento de alguns aspectos morfossintáticos do Ikpeng, como também para a realização de trabalhos comparativos que dizem respeito à família Karib.

I.3. Os Dados

A análise da língua Ikpeng baseia-se em dados obtidos junto a falantes nativos da língua. A elicitação foi feita em três principais etapas. A primeira, realizada na cidade de Campinas, em setembro/1994, teve como informantes Korotowï Ikpeng e Yokoré Ikpeng, ambos designados pela própria comunidade Ikpeng para serem nossos "professores" e prováveis monitores de educação desta comunidade. Korotowï e Yokoré permaneceram em Campinas por quinze dias.

O segundo momento importante da pesquisa e coleta de dados ocorreu em outubro/1995, também na cidade de Campinas, em que Napikï Talïgu Ikpeng atuou como informante. Ele é monitor de saúde do Posto Indígena Pavuru e tem grandes preocupações em aprender a escrever sua língua. Devido a esta preocupação, o processo de elicitação estimulou a produção de textos que, posteriormente, foram analisados e serviram de base para novas elicitações.

O terceiro momento de pesquisa e coleta de dados foi realizado entre maio e junho/1996, na aldeia Ikpeng, onde foi possível estabelecer um importante contato com toda a comunidade Ikpeng e obter maiores informações sobre a língua e a cultura.

Observamos algo interessante durante o primeiro trabalho de coleta de dados: os informantes passaram por um tipo de "curso de Ikpeng" com os falantes mais velhos da língua, antes de iniciarem a viagem. Existe uma preocupação muito

grande, por parte deles, em ensinar "direito", porque pretendem registrar a variante que, na opinião dos mais velhos, é a "correta" da língua.

Esta atitude mostra que a língua está sofrendo alterações, porque é preciso pesquisar com os mais velhos a melhor forma de dizer coisas em Ikpeng; mas, acima de tudo, torna evidente a determinação do povo em preservar sua língua, buscar o que seria mais antigo e, conseqüentemente, mais representativo da língua, mais autêntico, do ponto de vista deles, para servir como parâmetro não só para a nossa pesquisa, como também para a elaboração de uma escrita Ikpeng.

Os textos produzidos por Napikï, durante a segunda fase de elicitação de dados, foram levados à aldeia e analisados pelos monitores de educação, Korotowï e Yokoré, e submetidos à avaliação dos falantes mais velhos. As questões levantadas por eles referiam-se à grafia/pronúncia e à ordem dos constituintes da oração, tendo em vista que a ordem básica da língua é VAO, sendo a ordem AVO considerada, pelos falantes mais antigos, como resultado de influência do Português (cf. capítulo III).

Napikï foi chamado pelos mais velhos da comunidade para dar satisfações a respeito dos "erros", ao que ele respondeu firmemente: "Eu não falo Ikpeng, falo Txikão!". Esta é mais uma evidência de que a língua está em mudança, a qual os mais velhos tentam impedir.

O fato de Napikï ter se referido à língua com o termo Txikão, que eles consideram pejorativo, pois se trata de um "apelido", foi uma maneira de assumir a

existência de uma forma "menos correta" da língua. Apesar de tudo, ainda prevalece o respeito do grupo dos jovens pelo grupo dos mais velhos, o que favorece a preservação.

Por outro lado, a atitude intransigente dos mais velhos tem um aspecto negativo, porque os adolescentes, sentindo-se um tanto intimidados pelos antigos, que exigem a pronúncia "correta", tendem a praticar mais o Português do que a língua Ikpeng, a fim de evitarem as discussões a respeito dos "erros", por se considerarem falantes de Ikpeng "coloquial".

Foi possível observar melhor o conflito entre duas possíveis variantes da língua durante a terceira fase de coleta de dados, realizada nos meses de maio-junho/1996, na aldeia Ikpeng. A pesquisa realizada em campo também deixou claro que existem dois grupos de falas distintas: o antigo e o jovem.

O bilingüismo pode ser um fator determinante na distinção das duas variantes, porque os jovens são bilingües, em sua totalidade, e os mais idosos, tanto homens quanto mulheres, apesar de compreenderem o Português, não são bilingües. Existe, por parte destes últimos, uma percepção da influência do Português, que se manifesta através da ordem de constituintes, o que é tido como uma ameaça à preservação da língua.

A boa pronúncia é uma exigência do grupo dos antigos. Eles mantêm a pronúncia dos jovens sob constantes e severas vigílias, com a finalidade de fazer prevalecer a pronúncia mais antiga.

A diferença de pronúncia existente entre essas duas variantes consiste no fato de que os antigos possuem uma pronúncia mais "frouxa" que os jovens. Comparando-se os fonemas /p/, /t/, /k/, /m/, considerados tensos (c.f. Emmerich, 1971: 35-42), com os fones tensos do Português, é possível perceber que a tensão ocorre num grau muito menor em Ikpeng, fato que denotaria a influência do Português.

Na tentativa de amenizar a diferença entre as variantes, os jovens, que têm a pronúncia mais tensa que os antigos, adaptam sequências fonêmicas de maneira a transformá-las em sequências de pronúncia "leve". Assim, em vez de [om'ro], pronunciam [o'mo]; em vez de [iɵyare'lɨ] pronunciam [i^{w}yare'lɨ] e assim por diante.

A fala passa por constantes mudanças e é impossível contê-la no tempo. Porém, devemos entender que o principal objetivo, no momento em que a escrita está sendo introduzida na comunidade, é fazer com que sejam preservados os traços da língua falada pelos antigos, como a "leveza" da pronúncia e a ocorrência de alguns segmentos, que vêm sendo abolidos pelos jovens.

Obviamente, para nós, estas observações são muito relevantes e de extrema importância, mas para os jovens da comunidade, são percebidas como uma forma de subjugá-los, de diminui-los perante toda a comunidade. Alguns procuram os mais velhos para aprenderem a falar "corretamente", outros se sentem inaptos e se recusam a fornecer dados, alegando que falam Txikão, e não Ikpeng.

Tivemos como informantes tanto falantes jovens quanto falantes mais velhos e, no grau em que se encontra a pesquisa, pudemos avaliar as diferenças variacionais, como atestadas anteriormente, impedindo que afetem de alguma forma a validade dos resultados da análise feita.

O *corpus* analisado para o desenvolvimento desta dissertação é constituído de enunciados elicitados, com construções gramaticais de diferentes tipos; enunciados produzidos durante interação com o grupo; textos orais transcritos; textos escritos; e narrativas mitológicas.

A coleta de dados esteve direcionada à verificação de hipóteses e ampliação do *corpus* já existente, coletado por Seki e Spike, em 1994, na cidade de Campinas. Nosso acesso a estes dados, mais especificamente, foi livre. Por este motivo, alguns dados desta dissertação coincidem com dados da dissertação escrita por Pacheco (1997), sobre aspectos da gramática Ikpeng.

Obtivemos, ainda, alguns textos mitológicos, que fazem parte da cultura do povo Ikpeng. Estes mitos foram narrados por Melobo Ikpeng, cacique da aldeia, e por Oporike Ikpeng, o contador de histórias da comunidade.

A metodologia de trabalho de campo por nós utilizada é aquela proposta por Craig (1990), Kibrik (1977) e Seki, em seu trabalho com línguas indígenas do Parque Xingu e de Rondônia. Mais do que a coleta de questionários, a elicitação foi feita com base em textos de modo a obter enunciados contextualizados.

Inicialmente, realiza-se a coleta de dados através de questionários previamente elaborados; tão logo seja possível, passa-se a coletar textos, no nosso caso, orais e/ou escritos, produzidos pelos falantes nativos. Consideram-se, ainda, os enunciados produzidos durante interações entre os falantes nativos da língua.

Os dados foram gravados em fitas cassete e, ao mesmo tempo, transcritos diretamente, ou seja, a gravação e a transcrição ocorreram simultaneamente. Todos os dados foram submetidos a análises contínuas, cujos resultados orientavam as coletas subseqüentes.

Os informantes foram designados pela própria comunidade, por isso não tivemos a oportunidade de avaliar qual membro da comunidade cumpriria melhor este papel. Contudo, parece que a escolha foi perfeita, porque aqueles designados desempenharam muito bem a função a eles atribuída. Tanto Korotowï e Yokoré quanto Napikï estão bastante interessados em pesquisas que envolvem o conhecimento da língua.

Inicialmente, a preocupação deles era a de ensinar mais do que fornecer dados que, do ponto de vista do pesquisador, eram relevantes à pesquisa. Porém, quando perceberam uma certa sistematicidade nas perguntas, passaram a contribuir muito mais significativamente.

Durante o trabalho realizado na aldeia, as sessões de quatro horas diárias com os informantes foram previamente programadas de forma a não prejudicar os demais afazeres dos mesmos.

Além disso, no período da noite, nos reuníamos, ocasião em que eram discutidos assuntos relevantes à pesquisa, ou em que os Ikpeng apenas nos ensinavam tanto termos e expressões da língua, como também sobre a cultura e os costumes do grupo. Estas conversas muito contribuíram para a familiarização com a cultura e principalmente com o uso da língua Ikpeng.

II

ASPECTOS DA FONOLOGIA E DA GRAMÁTICA DA LÍNGUA IKPENG

Neste capítulo, apresentaremos algumas considerações sobre a fonologia e sobre alguns aspectos da gramática da língua Ikpeng, enfatizando as classes de palavras. O nosso objetivo é oferecer subsídios para a compreensão do sistema de marcação de caso que será exposto no capítulo III.

II.1. Considerações sobre a Fonologia

Para a apresentação de aspectos da fonologia, partiremos do estudo fonológico preliminar, proposto por Charlotte Emmerich (1972), em sua Dissertação de Mestrado, com algumas modificações que, a nosso ver, se fazem pertinentes.

Segundo Emmerich, os resultados a que chegou em seu trabalho são de caráter tentativo, não apenas por se tratar de um estudo preliminar mas também porque, naquela época, havia "dificuldade de comunicação devida ao acentuado monolingüismo do grupo". Emmerich (1971: 28) propõe o seguinte inventário fonológico da língua Ikpeng:

Fonemas Consonânticos:

Oclusivas surdas:	p	t	k
Oclusiva sonora:	b		g
Nasais	m	n	ŋ
Flap:		r	
Lateral:		l	

Fonemas vocálicos:

Vogais altas orais:	i		ɨ	u
Vogais médias orais:		e		o
Vogais baixas orais:			a	

Concordamos, em linhas gerais, com a proposta de Emmerich(1971), no entanto, é necessário fazer algumas observações sobre esta proposta. Consideraremos, portanto, somente os fones que justificam a necessidade de reanalisar o quadro fonológico da língua Ikpeng: [b], [p], [ƥ], [ɓ], [w]; [y];[tʃ]:

Pela análise dos traços distintivos, Emmerich (1972) propõe o seguinte inventário de fonemas e alofones para os segmentos bilabiais considerados acima:

/p/ [p, p=, ꝑ, b̲] /b/ [ƀ, b] /u/ [w, u, u, u, u, *U*]

A Teoria Fonológica de traços distintivos, tal com foi postulada por Jakobson, Fant & Halle (1952, 1956, 1968) e posteriormente reformulada por Chomsky & Halle (1968) aponta para as seguintes propriedades distintivas destes três fonemas, conforme mostra a Matriz I (c.f. Emmerich, 1971: 57):

Matriz I:

	p	b	u
consonantal	+	+	-
tenso	+	-	

Os dois traços são suficientes para distinguir /p/, /b/ e /u/. O traço consonantal é o mais amplo do inventário e distingue duas classes gerais: a das consoantes e a

das vogais. Emmerich (1972), não considera pertinente o traço da vocalidade, devido ao fato de as vogais apresentarem variantes não-vocálicas.

O traço de tensão opõe /p/ a /b/, pelo grau e não pela ausência ou presença de tensão. Porém, como afirma a própria autora, *"todos os segmentos não-tensos são sonoros, pode parecer à primeira vista arbitrária a atribuição do caráter distintivo a esta ou àquela propriedade"* (p.62).

O nosso objetivo é demonstrar a irrelevância da subdivisão de /p/ em /p/ e /b/ além de demonstrar que o fone [ƀ] assemelha-se a [w] pelo traço vocálico: [ƀ] [-vocal.];[w] [-vocal.] e, também pelo traço consonântico [ƀ] [-cons.]; [w] [-cons.].

Para demonstrar nossa hipótese, serão utilizados os seguintes dados:

1.	a)	[o'po]	'borduna'
	b)	[nenpa'tu]	'texto'
	c)	[ka'po]	'céu'
	d)	[para'pi]	'borboleta'
2.	a)	[aƀia'na]	(uma qualidade de peixe)
	b)	[ƀi'lo]	'gavião'
	c)	[ƀu'ƀi]	'filha'
	d)	[o'ƀro]	'casa'
	e)	[ta'ƀru]	'doença'
3.	a)	['wot]	'peixe'
	b)	['pow]	'porco'
4.	a)	[warap]	'dentro'
	b)	[werem]	'cacique'

5.	a)	[obro]	'suas nádegas'
	b)	[marebɨ]	'você chegou'
	c)	[marep]	'você chega'
	d)	[mareptom]	'vocês chegam'

6.	a)	[i'ƥun]	'pé'
	b)	[inu'ƥu]	'pupila'
	c)	[takƥu'ru]	(nome próprio)

Como podemos observar, comparando-se os exemplos contidos em (1a), (1b), (5) e (6), os alofones de /p/ são:

opo	[p]	/p/
nenpatu	[p]	
kapo	[p]	
parapi	[p]	
ipun	[ƥ]	
inupu	[ƥ]	
takpuru	[ƥ]	
obro	[b]	
marebɨ	[b]	
marep	[p]	

Propriedades distintinvas entre [p], [ƥ], [b]:

	p	ƥ	b
const. labial	+	-	+
vozeado	-	-	+
contínuo	-	+	-

Para estas propriedades estipulamos as seguintes regras de realização:

/p/ → [p]/ __ V{a, e, i, o}

/p/ → [p]/ __ C{t}

/p/ → [p]/ __#

/p/ → [ꝑ]/ __ V{u}

/p/ → [b]/ __ C{l, r}

Com base no exposto, discordamos da hipótese de Emmerich (1972), que considera /b/ como um fonema distinto de /p/.

O fone [ƀ] não é um dos alofones de /b/, como pretendia a proposta de Emmerich (1972). Também não vamos considerá-lo como alofone de /p/, mas sim de /w/, pela constatação da seguinte distribuição fonológica:

aƀiana	[ƀ]	/w/
ƀilo	[ƀ]	
puƀi	[ƀ]	
oƀro	[ƀ]	
taƀru	[ƀ]	
warap	[w]	
werem	[w]	

Regras:

/w/ → [ƀ]/ __V {i}

/w/ → [ƀ]/ __C {r}

/w/ → [w]/ __V {a,e,o}

Por estas regras, podemos considerar que /w/ é um glide e, por isso, é [-vocálico], e [-consonântico]. As regras aqui propostas conduzem à seguinte formulação do inventário:

/p/	[p]	/w/	[w]
	[ꝑ]		[ƀ]
	[b]		

O fonema /y/ também é um glide, assim como /w/. A estrutura silábica da língua Ikpeng é um dos argumentos que corroboram para o fato de não considerarmos /y/ e /w/ como fonemas vocálicos. Estamos dando, portanto, uma interpretação diferente daquela de Emmerich (1972). Tanto /w/ quanto /y/ serão considerados semi-vocálicos (ou semi-consonânticos), os quais constituem sílabas CVS, SVC, CSV, VSC, conforme mostram os exemplos abaixo:

7.	a)	/i.not/	V.CVC	'pequi'
	b)	/e.ge.pak/	V.CV.CVC	'tucunaré'
	c)	/opru/	V.CCV	'tuas nádegas'
	d)	/parapi/	CV.CV.CV	'borboleta'
8.	a)	/yon'ko/	SVC.CV	'onça preta'
	b)	/yapi'ga/	SV.CV.CV	'macaco preto'
	c)	/'muy/	CVS	'canoa'
	d)	/o'goy/	V.CVS	'cobra'

9.	a)	/a.wɨt/	V.SVC	'ele bate'
	b)	/ya.kwa/	CV.CSV	'tucano'
	c)	/payn/	CVSC	'querida'

O fonema /g/, portanto, é o único fonema plosivo sonoro do Ikpeng. Concordando com Emmerich (1972), /k/ e /g/ são fonemas distintos, como é possível atestar nos seguintes exemplos:

(10)	a.	/megu/	'melancia'
	a'.	/maku/	'algodão'
	b.	/wago/	'bicho preguiça'
	b'.	/ako/	'tatu'
	c.	/tugu/	'jaburu'
	c'.	/yukut/	'ele pesca'

Observamos esta distinção inclusive nos marcadores de pessoa e em alguns radicais verbais, como é possível notar em:

(11) a. /korenenɨɨ/
k - or - enen - ɨɨ
1Sa - REFL. - ver - IM.
'eu me vi'

b. /geneŋɨ/

g - eneŋ - ɨ

3A1O - ver - IM.

'ele me viu'

c. /yagnumlan/

y - agnum - lan

3So - chorar - IM.

'ele chorou'

d. /yaknaŋ/

y - ak - naŋ

3So - comer - CONT.

'ele está comendo'

Existe, ainda, um outro fonema, na língua Ikpeng, que não foi incluido por Emmerich (1972) no quadro fonológico da língua. Trata-se do fonema /tʃ/, o qual, em sua análise fonética, fora considerado alofone de /t/.

No entanto, Seki e Gildea, em 1994, reconsiderando o quadro fonológico proposto por Emmerich, porém sem elaborar uma análise propriamente dita, concluíram que [tʃ] é um fonema distinto de [t], porque contrastam nos mesmos ambientes de realização, com uma exceção: não ocorre /t/ precedendo /i/, por condicionamento fonético. Exemplos:

(12)	a.	[tʃu]	'estou deitado'
	a'.	[tukto]	'roça'
	b.	[tʃimna]	'nós' (PRO)
	b'.	----	
	c.	[tʃeluka]	'quati'
	c'.	[tereŋkeni]	'garrafa'
	d.	[iptʃap]	'posso banhar?'
	d'.	[tae]	'macaco'

Tendo exposto estas observações, introduzimos algumas reformulações do quadro fonológico, proposto por Emmerich (1972), para apresentação dos dados utilizados nesta dissertação. Nós o redefinimos da seguinte forma:

<u>Fonemas Consonânticos:</u>

Oclusivas surdas:	p	t		k
Oclusiva sonora:				g
Nasais	m	n		ŋ
Africada:			tʃ	
Tap:		r		
Lateral:		l		
glide:	w		y	

Fonemas vocálicos:

	anterior	central	posterior
Altos:	i	ɨ	u
Médios:	e		o
Baixos:		a	

Constata-se, então, que a língua Ikpeng possui dez fonemas consonânticos, seis fonemas vocálicos e dois semi-vocálicos (ou semi-consonânticos), que serão utilizados na transcrição dos dados no âmbito da dissertação.

II.1.1. Considerações sobre o Ritmo e o Acento do Ikpeng:

O Ritmo

Em Ikpeng, os radicais acrescidos de afixos determinam uma sequência ritmica que chamamos de palavra fonológica. Estes radicais devem ser entendidos não só como morfemas livres e isolados, mas também como 'palavras' que ficam quando um afixo é removido, é o que conhecemos como palavra morfológica.

O Ikpeng é uma língua de acento previsível, isto é, estes sempre ocorrem na última sílaba da palavra fonológica. Os afixos são importantes na definição das proeminências nas palavras porque, assim como podem não alterar a proeminência

no radical, também podem carregá-la consigo, alterando completamente o ritmo acentual da palavra fonológica. Por exemplo:

(13) a. moreŋkeliŋmo
m - or - eŋke - li - ŋmo
2 - REFL. - acordar - IM - PL.
'vocês acordaram'

a'. //moreŋ/ke// 'você acordou ?'
a''. //^mo/reŋke/li// 'você acordou.'
a'''. //moreŋ/keli/ŋmo// 'vocês acordaram.'

Para Cruttenden (1986), a proeminência e o número de sílabas influenciam o ritmo. Como podemos observar, em (a''), ocorre o que conhecemos por *anacrusis* (o pé ritmico é iniciado por uma sílaba átona e a marca '^' representa uma sílaba tônica inexistente), já em (a') e (a''') não ocorre anacrusis.

O exemplo (a') possui três sílabas e uma proeminência tônica na última, (a'') possui quatro sílabas e duas proeminentes, a segunda e a quarta, sendo que a proeminência tônica recai na última (4ª). No exemplo (a'''), o acento (proeminência tônica) foi deslocado da esquerda para a direita.

Bolinger (1981) sugere que o fator mais importante que altera o ritmo dos enunciados não é nem o número de sílabas e nem a posição da proeminência, mas sim o padrão feito em cada seção ritmica da fala contínua, misturando-se sílabas

contendo vogais acentuadas (fortes) com sílabas contendo vogais não acentuadas (fracas).

O Acento pela Teoria Métrica

O acento, na língua Ikpeng, como já foi dito, é previsível e recai sempre na última sílaba da palavra fonológica. Mesmo quando são acrescentados outros afixos ao radical, a proeminência tônica é deslocada para o último deles. Pode-se considerar que esta é uma regra de acento aplicada a uma grade básica de uma palavra fonológica em Ikpeng.

Segundo Bisol (1992), a Teoria Métrica é baseada na estrutura fonológica da expressão linguística. Esta estrutura é composta por sílabas fortes (s) e fracas (w) que constituem os pés métricos s+w, ou vice-versa, w+s, os quais formam a unidade prosódica básica e constituem as palavras fonológicas.

Em Ikpeng, o acento pode ser obtido da seguinte forma: *o acento primário* incide sobre o elemento forte do pé métrico mais à direita das palavras; o *acento principal* incide sobre o valor terminal (forte) de uma sequência maior do que a palavra, e o *acento secundário* é designado pelos pés métricos que se apresentam ao longo do domínio do acento, com exceção do elemento responsável pelo acento primário.

O Ikpeng apresenta o esquema acentual bastante regularmente, acarretando, inclusive, a existência de alomorfias condicionadas pelo acento (c.f. II.2).

Os exemplos abaixo pretendem ilustrar o deslocamento do acento, em Ikpeng. Em vez de representar os acentos através de 's' ('strong', forte) e 'w' ('weak', fraca), representaremos por: ˊ ˋ , respectivamente. O elemento que contém o acento primário ainda é marcado por (').

(14) a. yɨn'kɨt
y - inkɨ - t
3O - dormir - N.PASS.
'ele dorme'

b) yinkɨ'lɨ
y - inkɨ -lɨ
3O - dormir - IM.
'ele dormiu'

c) yinkɨlɨ'ŋmo
y - inkɨ - lɨ - ŋmo
3O - dormir - IM. - PL.
'eles dormiram'

O estudo da fonologia da língua Ikpeng será aprofundado em estudos futuros. Neste primeiro momento, analisamos o padrão acentual, tendo em vista comprovar sua relevância na determinação de alguns casos de alomorfia.

II.2. Aspectos da Gramática do Ikpeng:

Descreveremos alguns aspectos morfossintáticos da língua Ikpeng, focalizando principalmente as classes de palavras.

II.2.1. Classes de Palavras

Propriedades morfológicas e sintáticas permitem distinguir pelo menos seis classes de palavras em Ikpeng: Nome, Pronome, Adjetivo, Advérbio, Posposição e Verbo.

A. Nome

A função dos nominais na oração, isto é, 'sujeito' ou 'objeto', não aparece marcada morfologicamente nos mesmos, diferentemente do que ocorre com outras línguas Karib, como o Makushi, que apresentam caso marcado no nominal.

Sintaticamente, ao contrário dos adjetivos, os nomes podem ocupar a posição de sujeito da oração, objeto de verbos e objeto de posposição. Morfologicamente, eles se dividem em duas subclasses: os nomes não possuíveis e os nomes possuíveis. Somente os possuíveis podem ser núcleo da locução genitiva. Dentre os não

possuíveis estão os nomes de pessoas, animais, plantas, elementos e fenômenos da natureza, por exemplo:

(15)	a.	/akari/	'onça'
	b.	/ogoy/	'cobra'
	c.	/megu/	'melancia'
	d.	/panana/	'banana'
	e.	/tariwe/	'mandioca'
	f.	/amtenu/	'trovão'

Dentre os possuíveis, ainda existe uma subdivisão entre alienáveis e inalienáveis. Os nomes inalienáveis ocorrem necessariamente com a marca do possuidor e com sufixos de posse: /-n/, /-ri/, /-ru/, /-tʃi/ e ∅. Não é possível descrever a distribuição destes sufixos de posse, tendo em vista que seu uso é bastante irregular.

Geralmente, os substantivos inalienáveis são aqueles que se referem a partes do corpo, relações de parentesco, objetos pessoais etc. Por exemplo:

(16)	a.	/ɨ - narut - ∅/	'minha irmã'
	b.	/i - lu - ∅/	'língua dele'
	c.	/ɨ - mom - tʃi/	'minha cabeça'
	d.	/g - ere - n/	'meu pulmão'
	e.	/w - eng - ru/	'nossos olhos'

Os nomes alienáveis são aqueles que podem ocorrer com marcas de posse ou sem estas marcas, como formas independentes desprovidas de afixos, como mostram os exemplos a seguir:

(17) a. /kane'ta/
'caneta'

a'. /ɨ - kane'ta - n/
1POSS. - caneta - POSS.
'minha caneta'

b. /yanta/
'sapé'

b'. /∅ - yanta - n/
3POSS. - sapé - POSS.
'sapé dele'

c. /mɨŋu/
'sangue'

c'. /o - mɨŋ - ru/
2POSS. - sangue - POSS.
'seu sangue'

d. /maŋa/
'seio'

d'. /i - maŋa - ɨ/
3POSS. - seio - POSS.
'seio dela'

e. /onmuŋ/
'panela'

e'. /o - enmug - ɨ/
2POSS. - panela - POSS.
'tua panela'

Existem os nomes vocativos, utilizados para se dirigir aos parentes. O vocativo é diferente dos nomes que expressam o grau de parentesco e que são empregados quando se fala sobre um parente, mas não com ele. Não se usam nomes que expressam parentesco, salvo nestes dois contextos.

(18)	a.	/payn/	'mulher' (vocativo)
		/ɨ -muye - ∅/	'minha mulher'
	b.	/ime/	'mãe' (vocativo)
		/ɨ - roye - ∅/	'minha mãe'
	c.	/puwi/	'filha' (vocativo)
		/g - emtʃi - n/	'minha filha'

No quadro a seguir colocamos as ocorrências de alomorfes dos prefixos de possuidor, em Ikpeng, os quais descrevemos subseqüentemente.

Quadro A:

pessoas	prefixos	suf de posse	Suf. de pl.
1s.	g- ~ ɨ-		
2s.	o- ~ w- ~ a-		
3s.	∅ ~ i- ~ y-		
1+2	ugw- ~ wɨ-	-∅,-tʃi,	
1+3	tʃimna	-n, -ru, -rɨ	
1+2(col.)	ugw- ~ wɨ -		-ŋmo ~ -kom
2pl.	o- ~ w- ~ a-		-ŋmo ~ -kom
3pl.	∅ ~ i- ~ y-		-ŋmo ~ -kom
3refl.	tɨ- ~ t-		

Como é possível observar, os prefixos de 2ª e 3ª pessoas do singular e 1+2 são os mesmos que marcam as 2ª e 3 ª pessoas do plural e 1+2 plural. A diferença consiste na ocorrência, no plural, dos sufixos de plural /-ŋmo/, em ambientes pós-vocálicos e /-kom/, em ambientes pós-consonantais.

Então, daqui por diante, sempre que nos referirmos aos prefixos de 2ª ou de 3ª pessoas, não mais mencionaremos se se trata de singular ou de plural, devido à irrelevância desta diferenciação para os prefixos marcadores de pessoa.

Observamos, também, que a 1ª pessoa do plural exclusivo não é marcada por um prefixo, mas sim por um pronome independente: /tʃimna/, que se comporta,

basicamente, como a terceira pessoa (c.f. III.2.). Por isso, sempre que nos referirmos aos prefixos, não incluiremos a 1ª pessoa do plural exclusivo.

Resta-nos, então, analisar os casos de alomorfia das 1ª, 2ª, 1+2 e 3ª pessoas da língua Ikpeng.

1ª pessoa: /g-/ ~ /ɨ-/

O marcador de possuidor para a 1ª pessoa do singular, em Ikpeng, possui dois alomorfes. Um deles, /g-/, ocorre diante de vogais, enquanto que o outro, /ɨ-/, ocorre diante de consoantes. Exemplos:

(19) a. ɨ -put - ∅
'minha pele'

b. ɨ - megunta - n
'minha pulseira'

c. g- amo - n
'minha unha'

d. g - eret - ∅
'minha rede'

2ª pessoa: /o-/ ~ /w-/ ~ /a-/

Para o morfema de segunda pessoa, existem três alomorfes condicionados fonologicamente. O alomorfe /w-/ ocorre somente diante da vogal /-a-/. O alomorfe /a-/ ocorre, por assimilação, diante de sílaba iniciada por consoante, que tem como núcleo a vogal /-a-/. O alomorfe /o-/ ocorre nos demais ambientes. Exemplos:

(20) a. w- amo - n
'tua unha'

b. w - apo - n
'tua borduna'

c. a- maɳa - ɾɨ
'teu seio'

d. a - kaneta - n
'tua caneta'

e. a -wari - ∅
'teu amigo'

f. o- yo - ∅
'teu namorado'

g. o- printa - ∅
'teu concunhado (inimigo)'

3ª pessoa: (/i-/ ~ /y-/ ~ ∅) ∞ /e-/

A 3ª pessoa do possuidor é codificada por um prefixo que se realiza em quatro alomorfes. Os três primeiros têm sua distribuição condicionada fonologicamente: ∅, diante de radicais iniciados pela vogal /-e-/; [y-], que ocorre diante de radicais iniciados pelas demais vogais; e /i-/ que ocorre diante de radicais iniciados por consoantes. Exemplos:

(21) a. /∅ em - ru/
'testículos dele'

b. /y- amori - ∅/
'dedo dele'

c. /i- megum - rɨ/
'pulso dele'

Há uma hipótese de que estes três alomorfes alternam, morfologicamente, com /e-/, já que este é encontrado em ambiente fonológico semelhante ao de /-i/. Comparem-se os exemplos (19) com os exemplos (20) a seguir:

(22) a. /e - mpa - tʃi/
'braço dele'

b. /e - printa - ∅/
'concunhado dele'

c. /e - wilɨ - ∅/
'fruta dele'

d. /e - pta - tʃi/
'calcanhar dele'

(23) a. /i - put - ∅/
'cabelo dele'

b. /i - pu - n/
'pé dele'

c. /i - mɨŋ - ru/
'sangue dele'

d. /i - mom - tʃi/
'cabeça dele'

Os exemplos a seguir pretendem mostrar que a ausência de prefixo (∅) diante de /-e/ é comprovada pela forma do radical, isto é, a vogal /e/, inicial de radical se mantém, independentemente do prefixo que for afixado a ele, por exemplo:

(24) a) /g - ere - n/
'meu figado'

a') /∅ ere - n/
'figado dele'

b) /o - em - ru/
'teus testículos'

b') /∅ em -ru/
'testículos dele'

c) /g - erempiu - n/
'minha garganta'

c') /∅ erempiu - n/
'garganta dele'

d) /o - egɨ ∅/
'teu pomo-de-adão'

d') /∅ egɨ ∅/
'pomo-de-adão dele'

Hipoteticamente, o prefixo /-e/ poderia sofrer um processo de assimilação diante de radical iniciado pela vogal /-e/, porém não há evidências de que o prefixo

/-e/ ocorra diante de radicais iniciados por nenhuma outra vogal, mas somente diante de radicais iniciados por consoantes, assim como /-i/.

1ª pessoa do plural inclusivo: /ugw-/ ∞ (/w-/ ~ /wɨ-/)

Esses três alomorfes, representativos do possuidor de 1ª pessoa do plural inclusivo, são formados a partir de dois outros. Nossa hipótese baseia-se no fato de que /w-/ é um dos alomorfes de 2ª pessoa, assim como /g-/ e /ɨ -/ são alomorfes de 1ª pessoa. A 1ª pessoa do plural inclusivo subentende a união da 1ª pessoa do singular com a 2ª pessoa.

Num primeiro momento, constatamos que o uso dos alomorfes /ugw-/ ou /w-/ é condicionado pelo padrão acentual, tendo em vista que ambos ocorrem diante de vogais. O alomorfe /wɨ-/ distingue-se dos dois anteriores por ocorrer somente diante de consoantes.

O sufixo de plural pode ser usado ou não, dependendo do número de pessoas envolvidas, ou seja, se não ocorrer o sufixo de plural, teremos a 1ª pessoa dual inclusivo, representando 1 + 2; por outro lado, se ocorrer o sufixo de plural, teremos a indicação de que se trata de 1ª pessoa no plural. Exemplos:

(25) a. /w- eretput/
'nosso (1+2) cabelo'

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

b. /w- eretput -kom/
'nosso (1+2+3 col.) cabelo'

c. /wɨ- momtʃi/
'nossa (1+2) cabeça'

d. /wɨ- momtʃi - ŋmo/
'nossa(1+2+3col.) cabeça'

e. /ugw- ewrɨ/
'nossa (1+2) casa'

f. / ugw- ewrɨ - ŋmo/
'nossa (1+2+3 col.) casa'

Nos dois quadros a seguir, ilustramos o paradigma de prefixos marcadores de pessoa, o sufixo de posse e o sufixo de plural, com os radicais /-pun/, 'pé'; /-amto/, 'namorada', /-laglu/ 'saliva' e /-eŋ/, 'olho':

	possuidor	*pé*	posse	plural	possuidor	*namorada*	posse	plural
1s.	ɨ -	- pun	∅		g-	amto	∅	
2s.	o-	- pun	∅		w-	amto	∅	
3s.	i -	- pun	∅		y-	amto	∅	
1+2	wɨ -	- pun	∅		ugw-	amto	∅	
1+3	tʃimna	pun	∅		tʃimna	amto	∅	
1+2col	wɨ -	- pun	∅	-kom	ugw-	amto	∅	-ŋmo
2pl.	o-	- pun	∅	-kom	w-	amto	∅	-ŋmo
3pl.	i -	- pun	∅	-kom	y-	amto	∅	-ŋmo

	possuidor	*saliva*	posse	plural	possuidor	*olho*	posse	plural
1s.	ɨ -	- laglu	∅		g-	eŋ	-ru	
2s.	a-	- laglu	∅		o-	eŋ	-ru	
3s.	i -	- laglu	∅		∅	eŋ	-ru	
1+2	wɨ -	- laglu	∅		w-	eŋ	-ru	
1+3	tʃimna	laglu	∅		tʃimna	eŋ	-ru	
1+2 col	wɨ -	- laglu	∅	-ŋmo	w-	eŋ	-ru	-ŋmo
2pl.	a-	- laglu	∅	-ŋmo	o-	eŋ	-ru	-ŋmo
3pl.	i -	- laglu	∅	-ŋmo	∅	eŋ	-ru	-ŋmo

B. Pronome

O Pronome é uma classe fechada de elementos que desempenham basicamente as mesmas funções que o Nome. Similarmente aos nomes não possuídos, os pronomes não recebem prefixos nem sufixos de posse e não ocorrem como núcleo de locução genitiva.

Distinguem-se os pronomes pessoais, os pronomes demonstrativos (ou dêiticos) e os pronomes interrogativos. Os pronomes pessoais apresentam as seguintes distinções de pessoas: 1, 1+2, 1+3 e 2. A função de terceira pessoa é preenchida por demonstrativos (c.f. adiante).

As formas dos pronomes pessoais de 1ª e 2ª pessoas são:

Quadro B:

	singular	plural
1	uro	-----
1+3	tximna	-----
1+2	ugwo ~ uguro	ugwo-ŋmo ~ uguro-ŋmo
2	omro	omro-ŋmo

A seguir, apresentamos alguns exemplos de ocorrência de pronomes de primeira e segunda pessoas.

(26) a) karake omro
bonito(a) 2
'você é bonito(a)'

b) ugweneŋlɨ omro uro
ugw - eneŋ - lɨ omro uro
2A1O - ver - IM. 2 1
'você me viu'

c) oeminke omro
o - emin - ke omro
2 - comida - VERB 2
'você está com fome'

- Pronomes Demonstrativos (ou Dêiticos) de 3ª Pessoa:

Na língua Ikpeng, as formas dêiticas de terceira pessoa exprimem diferentes graus de proximidade em relação ao falante e manifestam a distinção [± animado]. As formas vêm resumidas no quadro abaixo:

Quadro C:

		animado	inanimado
próximo	sing.	oren	nen
	plural	wam	neyam
distante	sing.	ugun	mun
	plural	ugyam	muyam

Além de ocorrerem como pronomes, essas formas são também usadas como modificadores de nomes e como advérbios locativos. Comparem-se os exemplos:

Pronomes:

(27) a. ugun erem kanumnaŋ

ugun erem kanum - naŋ

3 música dizer - CONT.

'ele está (cantando) dizendo música'

b. tximna eneŋlɨŋmo ugyam

tximna ∅ eneŋ - lɨ - ŋmo ugyam

1+3 ∅ - ver - IM. - PL 3PL.

'Nós os vimos'

Modificadores de Nomes:

(28) a. Aŋpi oren karake ugun karakepra

Aŋpi oren karake ugun karake - pra

menino DEM. bonito DEM. bonito - negação

'Este menino é bonito, aquele não é bonito'

b. Wam Kamayura ugyam

Wam Kamayura ugyam

Interjectivo Kamayura DEM.

'Aqueles Kamayura estão chegando'

(referindo-se ao grupo de Kamayura que foi à aldeia Ikpeng jogar futebol)

Como modificadores, podem ocorrer, ou pospostos ao Nome, ou precedendo o Nome, vindo então dele deslocados:

c. oren g-etpotatkeɨi akari
oren g - etpotatke - ɨi akari
DEM. 1 - morder - IM cachorro
'este cachorro me mordeu'

Advérbios Locativos:

(29) a. " — Nen ɨwɨn!"
nen ɨ - wɨn
Dêitico 1POSS. - facão
'aqui está meu facão'

b. "— Oren! Oren! Menenang?"
oren m - enen - aŋ
Dêitico 2 - ver - CONT.
'Ali! Ali! Está vendo?'
(referindo-se ao filhote do bicho preguiça na história do aborto)

c. "— Munto? Nento?
mun - to nen - to
Dêitico- INT. aqui - INT.
Lá, será? Aqui, será?
(referindo-se ao facão)

Os pronomes dêiticos de terceira pessoa ainda podem ter um outro papel: o interjectivo. Nesta condição, neutraliza-se o papel semântico no que diz respeito à categoria [± animado], como é mostrado a seguir:

(30) a. nen → Chegou! Está aqui!
b. oren → Está chegando!
c. ugun → Está indo...
d. Mun → Já vai?
e. Ugyam → Estão indo...
f. Muyam → São aquelas coisas/pessoas! (apontando para elas)
g. Neyam → São essas coisas/pessoas! (apontando para elas)
h. Wam → Estão chegando!

O pronome interrogativo, correspondente a 'quem', 'o que', também se distingue pela categoria [± animado], quando usado isoladamente ou não, por exemplo:

(31) a. onok?
Quem?

b. Arɨ?
O que?

c. "— Onok ugun eret eto?"

onok ugun ∅ - eret eto

INT. 3 3POSS. - nome INT

'Como será o nome daquele?'

d. Arɨ mɨgenaŋ?

Arɨ m - ɨge - naŋ

INT. 2 - falar - CONT.

'O que você está falando'

Numa mesma oração interrogativa pode ocorrer a repetição do termo pronominal:

(32) a. Onok oren oren?

Quem é este daqui?

b. Onok ugun ugun?

Quem é aquele lá?

Também foram atestados dados com repetição de termos pronominais da categoria "inanimado". Como é possível observar, nos dados abaixo:

(33) a. Arɨ mun?

O que é aquilo?

b. Arɨ mun mun?

O que é aquilo lá?

C. Adjetivo

Os adjetivos distinguem-se de elementos de outras classes, em que não recebem prefixos marcadores de pessoa, não recebem sufixos e não podem ser objetos de posposição. Sintaticamente, os adjetivos desempenham a função de modificadores de nomes e de predicado de orações não-verbais.

Essas funções se distinguem pela ordem. Como modificadores os adjetivos seguem o nome e, como predicado, precedem o sujeito. Vejam-se, respectivamente, os exemplos em (34) e (35).

(34) a. /yakpitine ga komtʃimpe/

y - akpi - tíne ga komtʃimpe

3O - beber - DES. água gelada/fria

'eu quero beber água gelada/fria'

b. /tʃitʃi ɨrip ge yumneli yamru/

tʃitʃi ɨrip ge y - umne - lɨ yamru

sol quente com 3 - secar - IM polvilho

'o polvilho secou com o sol quente'

c. /tximna aguli egepak tumok/

tximna agu - lɨ egepak tumok

1+3 comer - IM tucunaré gostoso

'nós comemos tucunaré gostoso'

d. teruk okadernun tʃika ɨna

t - eru - k o - kadernu - n tʃika ɨ - na

INV. - dar - IMP. 2 - caderno - POSS pequeno 1 - DAT

'dê o seu caderno pequeno para mim'

(35) a. karake omro

bonito/bom 2

'você é bonito/bom'

b. tomtɨpok aŋpi

louca(o) criança

'a criança é louca'

c. tʃika okadernun

tʃika o - kadernu - n

pequeno 2POSS. - caderno - POSS.

'seu caderno é pequeno'

d. tanpatkem awrat

colorida(o) rede

'a rede é colorida'

e. taprigem itereku wugut

branca galinha pena

'a pena da galinha é branca'

D. Advérbio

Sintaticamente, os advérbios desempenham a função de adjunto da frase e tendem a ocupar posições periféricas na oração. Os que indicam lugar se assemelham formalmente aos dêiticos. Para exemplificar esta classe de palavras, apresentamos alguns advérbios encontrados em textos:

- temporais:

(36)	a.	/munpok/	'ontem'
	b.	/tʃanole/	'hoje'
	c.	/enmep/	'agora'
	d.	/kiripnole/	'cedo'
	e.	/munole/	'não agora'
	f.	/koŋonye/	'tarde'

Ainda ocorrem outros tipos de advérbios de tempo, que contêm o formativo /-tup/ ~ /-rup/, que aparece também em palavras como /itup/, 'meio dia' e /rup/, 'meia-noite':

(37)	a.	/enmeptup/	'amanhã'
	b.	/atʃatorup/	'quando chove'
	c.	/ekiri rup man eroaŋ/	'quando o velho estava saindo'
	d.	/kerup/	'depois'

- quantificadores

(38) a. ompan tariwe wotʃi

ompan tariwe wotʃi

todas mandioca rama

'todas as ramas de mandioca'

b. /ompan/

'tudo, todos'

c. /petkom niŋkiŋ/

petkom niŋkiŋ

mulher todas

'todas as mulheres'

d. /itiŋ/

'muito, muitas coisas ou pessoas'

e. /impe/

'nada, ninguém'

E. Posposição

Em Ikpeng, a posposição se diferencia de elementos de outras classes de palavras porque nunca ocorre isoladamente, mas vem sempre precedida por seu objeto, expresso por um nome ou equivalente sintático, ou por marcadores de pessoa.

Sintaticamente, as locuções posposicionais funcionam como adjuntos, na frase; semanticamente, exprimem papéis circunstantes. Descrevemos, a seguir, as principais posposições do Ikpeng:

Dativo/Benefactivo: /-na/ ~ /ɨna/

(39) a. yeruli ɨmeguntan eŋna

y - eru - li ɨ - megunta - n eŋ - na

1A3O - dar -IM. 1POSS. - pulseira - POSS. 3 - POSP.

'eu dei a pulseira para ela'

b. karake uro oŋna

karake uro oŋ - na

bonito/bom 1 2 - POSP.

'eu sou bom para você'

c. yanepli aʃaverun Fran ɨna

y - anep - lɨ a - ʃaveru - n Fran ɨna

1A3O - trazer - IM. 2POSS. - chaveiro - POSS. Fran POSP.

'eu trouxe o seu chaveiro para o Fran'.

d. aynkulɨ polepa tʃimnana

∅ - aynku - lɨ polepa tximna - na

3A3O - pescar - IM pacu 1+3 - POSP.

'ele pescou um pacu para nós'

e. yenenpolɨ ogoy akari ɨna

y - enen - po - lɨ ogoy akari ɨna

1A3O - ver - CAUS. - IM. cobra cachorro POSP.

'eu mostrei a cobra para o cachorro'

Num primeiro momento, nossa hipótese é de que a alomorfia expressa por /-na/ e /ɨna/ está relacionada à ocorrência do acento primário.

Segundo Emmerich (1972), a língua Ikpeng possui acento previsível, ou seja, o acento primário recai sempre na última sílaba da palavra fonológica, tornando a penúltima sílaba fraca, a antepenúltima forte e assim sucessivamente.

Com base nesta afirmação, e considerando-se que os alomorfes [-na] e [ɨna] possuem acento, supomos que, se o objeto da posposição possui número par de sílabas, a posposição utilizada será /ɨna/, que impedirá a quebra da sequência

acentual. Nos casos em que o objeto da posposição possui número ímpar de sílabas, este será sufixado por /-na/, permitindo que se reconstrua a sequência acentual previsível.

Direcional: /tʃina/

Esta posposição é utilizada para designar movimento entre dois territórios distintos, ou seja, dois locais delimitados geograficamente. Por exemplo:

(40) a. Posto tʃina uro
NP DIR. IM.
'eu vou ao Posto'

b. arantʃi ugun Canarana tʃina.
∅ - aran - tʃi ugun Canarana tʃina
3Sa - ir - NPASS. 3 Canarana DIR.
'ele vai à Canarana'

Locativo espacial e temporal: /wok/ ~ /pok/: 'sobre', 'em'

(41) a. gewrɨ wok uro
g - ew - rɨ wok uro
1POSS. - casa - POSS. POSP. 1
'eu estou sobre a minha casa'

b. Tʃimna onkawan man escadaria wok

tʃimna ∅ onkaw - an man escadaria wok

1+3 ∅ - subir - REM. MD escadaria POSP

'nós subimos pela escadaria'

(42) a. tʃimna erwan novembro wok

tʃimna ∅ erw - an novembro wok

1+3 ∅ ir - REC. objeto - POSP.

'nós fomos em novembro'

b. Quinta-feira wok tʃimna areptʃan

quinta-feira wok tʃimna ∅ - arep - tʃan

objeto - POSP. 1+3. ∅ - chegar - REC.

'nós chegamos na 5ª-feira'

Por extensão, a posposição /wok/ ~ /pok/ tem o sentido de sobre, a respeito de, como mostra o exemplo abaixo:

(43) a. Ikpeng miran pok uguroŋmo.

Ikpeng ∅ - mira - n pok uguro - ŋmo

Ikpeng ∅ - palavra- POSS. POSP. 1+2 - PL.

'nós estamos (falando) sobre o Ikpeng'

Nos exemplos 42(a) e 42(b) ocorre uma mudança na ordem dos constituintes. Em 42(a), a ordem corresponde a S-V-LP, enquanto que em 42(b) ocorre LP-S-V.

As Locuções Posposicionais ocupam posições periféricas na oração, portanto é bastante comum que ocorram tanto no início, quanto no final da mesma.

Comitativo: /wak/

(44) a. ɨplɨ Fran wak
ɨ - ɨp - lɨ Fran wak
1 - banhar - IM. Fran POSP.
'eu banhei com o Fran'

b. Yokore tʃikelɨ Mayuawak
Yokore ∅ - tʃike - lɨ Mayua wak
Yokore 3 - caçar - IM. Mayua POSP.
'Yokoré caçou com o Mayuá'

Instrumental: /ge/

(45) a. patʃi ge aynkulɨ polepa
patʃi ge ∅- aynku - lɨ polepa
rede POSP. 3 - pegar -IM. pacu
'ele pegou pacu com rede'

b. yerenmɨt opo ge
y - erenmɨ - t opo ge
3 - matar - NPASS borduna POSP.
'eu mato com borduna'

c. emelu ge twoli kuremat

emelu ge t - wo - li kuremat

arma POSP. 3 - matar - IM veado

'ele matou o veado com arma'

Algumas posposições são derivadas a partir do acréscimo dos morfemas /-p/ ∞ /-m/, com a função de 'locativo'; /-ktʃi/, com a função de 'direcional' (*para*); /-ntup/, com a função de 'direcional' (*de*) aos morfemas /wara-/ ~ /para-/, 'interior' e /gwa-/, 'exterior'.

Com relação ao condicionamento fonológico estabelecido entre os alomorfes /wara-/ ~ /para-/, podemos dizer que o primeiro ocorre em ambiente pós-consonântico, enquanto o segundo ocorre em ambiente pós-vocálico.

Estas posposições derivadas, de acordo com Lyons (1979), são chamadas de:

Locativo geral: /warap-/ ~ /parap-/

(46) a. geret parap uro

g - eret - ∅ para - p uro

1POSS. - rede - POSS. locativo geral 1

'eu estou na minha rede'

Ilativo (para dentro de): /waraktʃi/ ~ /paraktʃi/

(47) a. owro waraktʃi uro

owro wara - ktʃi uro

casa ilativo 1

'eu vou para casa'

b. panyerun paraktʃi uro

panyerun para - ktʃi uro

banheiro ilativo 1

'eu vou ao banheiro'

Elativo (de dentro de): /warantup/ ~ /parantup/

(48) a. owro warantup uro

owro wara - ntup uro

casa Elativo 1

'eu vim de casa'

b. tukto warantup uro

tukto wara - ntup ugyam

roça Elativo 3Pl.

'eles vieram da roça'

Locativo Geral (em): /gwam/

(49) a. nuno egarunpɨn enengap ga gwam

nuno egarunpin enen - gap ga gwa - m

lua sombra ver - IMP. água Locativo geral

'veja a sombra da lua na água'

Alativo (para as proximidades de): /gwaktʃi/

(50) a. ga gwaktʃi uro

ga gwa-ktʃi uro

ga Elativo 1

'eu vou ao rio'

b. tʃimna omoŋtan Ronuro gwaktʃi

tʃimna omoŋ - tan Ronuro gwa-ktʃi

1+3 entrar - REC. Ronuro Alativo

'nós entramos pelo (rio) Ronuro'

Ablativo (das proximidades de): /gwantup/

(51) a. ga gwantup uro

ga gwa-ntup uro

água Alativo 1

'eu vim do rio'

F. Verbo

Podemos dizer que o verbo, em Ikpeng, distingue-se das demais classes de palavras por, pelo menos, duas propriedades, que lhe são peculiares: A primeira é a presença de sufixos que marcam as categorias de tempo e de aspecto, além dos causativos, verbalizadores, pluralizadores de objeto (quando se trata de verbos de dois constituintes); e prefixos reflexivos. A segunda é que, do ponto de vista sintático, eles ocorrem caracteristicamente como predicado da oração.

Como descreveremos mais adiante, em Ikpeng existem duas classes de verbos: a de transitivos e a de intransitivos.

Os verbos considerados transitivos se diferenciam dos intransitivos por aspectos morfossintáticos. Os verbos transitivos são aqueles que podem coocorrer na oração com duas locuções nominais (LN): uma em função de sujeito e outra em função de objeto. Pode ser que apenas uma delas seja expressa, ou nenhuma delas, ocorrendo, assim, o *apagamento de LNs* (□), caso em que o verbo, tão somente, pode constituir uma oração completa (c.f. II.3).

Os verbos intransitivos admitem apenas um constituinte. Porém, se subdivide em duas subclasses diferenciadas formalmente quanto às distintas séries (I e II) de marcadores de pessoas que o verbo admite: verbos ativos e estativos.

Verbos ativos:

(52) a. karanmeɨ̃ man
k - aranme - ɨ̃
1Sa - correr - IM
'eu corri'

b. marepɨ̃
m - arep - ɨ̃
2Sa - chegar - IM
'você chegou'

c. omomɨ̃
∅ omom - ɨ̃
3Sa- entrar - IM.
'ele entrou'

Verbos estativos:

(53) a. geraŋɨ̃
g - eraŋɨ - ɨ̃
1So - assustar - IM
'eu assustei'

b. wapronumɨ̃
w - apronum - ɨ̃
2So - tremer - IM
'você tremeu'

c. imtarumlɨ
i - mtarum - lɨ
3So - falar -IM.
'ele falou'

Na distinção entre classes de verbos intransitivos, Dixon (1979) leva em consideração a *noção semântica* do verbo. Porém, isto depende de um conhecimento intuitivo da língua, do qual não dispomos, o que dificulta a nossa interpretação das duas séries de verbos intransitivos. Considerem-se os exemplos:

(54) a. itʃitetkelɨ
ɨ - tʃitetke - lɨ
1So - urinar - IM
'eu urinei'

b. korukutkelɨ
k - orukutke - lɨ
1Sa - defecar - IM
'eu defequei'

Do ponto de vista semântico, poderíamos afirmar que (43a) e (43b) possuem a mesma natureza, ou seja, trata-se de atividades fisiológicas. Porém, os marcadores de pessoa utilizados são de séries diferentes, o que elimina a possibilidade de um condicionamento semântico regular.

Apesar de fazer algum sentido, a categoria [± controle] não é, via de regra, capaz de determinar o uso das séries I e II com os verbos intransitivos. Contudo, em sua grande maioria, a classe de verbos ativos é constituída de formas prefixadas com o reflexivo {ot-}.

F.1. Afixos Verbais

F.1.1. Tempo passado:

O tempo passado, em Ikpeng, se subdivide em:

PASSADO IMEDIATO, marcado pelo sufixo /-lɨ/ e /-lan/. Há uma hipótese para diferenciar o uso de /-lɨ/ e /-lan/: o primeiro é usado para uma ação que foi presenciada pelo falante, enquanto que o segundo é usado para notificar uma ação não presenciada por ele. Ambos são usados para indicar um período compreendido entre o momento imediatamente anterior ao da fala e, no mais tardar, ontem. Os exemplos a seguir ilustram esta hipótese:

(55) a. (referente a este instante, presenciado pelo interlocutor)
arepɨ̃ tupi muin.
∅ - arep - lɨ tupi ∅ mui - n
3Sa - chegar -IM branco ∅ canoa - POSS.
'o barco do branco chegou'

b. (referente a hoje de manhã, presenciado pelo interlocutor)

kiripnole yenenɨli uro ogoy.

kiripnole y - enen - li uro ogoy

cedo 3O - ver -IM. 1 cobra

'eu vi uma cobra, de manhã'

c. (referente a hoje de manhã, não presenciado pelo interlocutor)

anmelan Cilene Fran

∅ - anme - lan Cilene Fran

3A - empurrar - IM. Cilene Fran

'A Cilene empurrou o Fran'

PASSADO RECENTE, marcado pelo sufixo /-tan/ ~ /kan/. A alternância fonológica está condicionada pelo ambiente de realização, em que /t/ ocorre após consoantes velares e /k/ ocorre após consoantes labiais e dentais.

O passado recente indica uma ação compreendida no período entre anteontem e vários anos atrás, desde que o falante tenha presenciado o fato. Os exemplos foram extraídos de um texto referente a um episódio ocorrido em 1993:

(56) a. tʃimna auɳtan nentologon kiripnole.

tʃimna auɳ - tan kiripnole.

I+3 sair - REC. cedo

'nós saímos daqui de manhã'

b. tʃimna omoɳtan Ronuro gwaktʃi.

tʃimna omoɳ - tan Ronuro gwa-ktʃi

1+3 entrar - REC. Ronuro POSP.

'nós entramos no Ronuro'

c. tʃimna awemkan tʃimna etʃit

tʃimna awem - kan tʃimna ∅ - etʃit - ∅

1+3 limpar - REC. 1+3 ∅ - lugar - POSS

'nós limpamos nosso lugar'

d. kerup tʃimna yaptoɳetkan toret

kerup y - aptoɳet - kan t - oret - ∅

ADV. 3O - pendurar - REC 3POSS - rede - POSS

'depois ele pendurou a rede dele'

PASSADO REMOTO /-taɳte/, que surge principalmente em histórias sobre os antepassados ou os fatos que aconteceram em tempos longínquos sobre os quai se ouviu falar, mas que não foram presenciados. O plural de /-taɳte/ é representado por /-taɳtom/.

Neste primeiro momento, não podemos afirmar se a forma /-taɳte/ é constituída por dois sufixos: um sufixo de tempo e outro de aspecto, por exemplo. Por isso, estamos considerando a forma em sua totalidade: /- taɳte/ para o passado

remoto no singular e /-taɳtom/ para o passado remoto no plural, como mostram os exemplos:

(57) a. ɨroymɨ areptaɳte Xingu gwantup.

ɨ - roymɨ ∅ - arep - taɳte Xingu gwa-ntup

1POSS. - pai 3Sa - chegar - REM. Xingu POSP.

'meu pai chegou no Xingu'

b. ayɳkutaɳtom Ikpeng niɳkin Yatupagwam.

ayɳku - taɳtom Ikpeng keni niɳkin Yatupa gwa - m

pescar - REM. Ikpeng ADV. Jatobá POSP.

'Todos os Ikpeng pescavam no (rio) Jatobá'

F.1.2. Tempo Não-Passado:

O tempo não-passado é marcado pelo sufixo /-t/ ~ /-tʃi/ que, formalmente, ocupa a última posição do verbo. É chamado de não-passado porque o tempo indicado pelo sufixo compreende um período entre o presente até o futuro. A alternância fonológica entre /-t/ ~ /-tʃi/ está condicionada pelo tipo de sílaba, ou seja: CV + -t; CVC + -tʃi.

O morfe /-tʃi/ ainda é responsável pelo deslocamento do acento na palavra, como mostram os exemplos:

(58) a. aynkut wot

∅ - aynku - t wot

3Sa - pescar -NPASS. peixe

'ele pesca/vai pescar peixe'

b. karaŋtʃi pratʃilia tʃina

k - araŋ - tʃi pratʃilia tʃina

1Sa - ir - NPASS Brasília POSP.

'eu vou a Brasília'

F.1.3. Sufixo continuativo: /-naŋ/

O morfema /-naŋ/ não possui alomorfes e, por isso, não é confundido com os sufixos que indicam passado recente /-kan/ e /-tan/. Quando a ação se desenvolve no presente, e não está concluída, não ocorre nenhum sufixo de tempo, por exemplo:

(59) a. karaŋnaŋ pratʃilia tʃina

k - araŋ - naŋ pratʃilia tʃina

1Sa - ir - CONT. Brasília POSP.

'estou indo para Brasília'

b. ye emtagrikenaŋ aŋpi ina

ye emtagri - ke - naŋ aŋpi ina

mãe alimento - VRB. - CONT. criança POSP.

'a mãe está alimentando (dando comida para) a criança'

Se a ação, apesar de contínua, realizou-se no passado, é acrescentado o auxiliar /etʃi-/ à oração, no qual ocorrerá a marca de tempo passado imediato /-lɨ/, por exemplo:

(60) a. yenenaŋ etʃilɨ patʃin

y - ene(ŋ) - naŋ etʃi - lɨ patʃin

1A3O - ver - CONT. AUX. - IM. tamanduá bandeira

'eu estava vendo o tamanduá bandeira'

b. kiripnole moreŋkenaŋ etʃilɨ

kiripnole m - or - eŋke - naŋ etʃi - lɨ

cedo 2A - REFL. - acordar - CONT. AUX. - IM.

'você estava acordando cedo'

F.1.4. Sufixo de "verbos de estado": /-ke-/

O sufixo /-ke/ parece ser um verbalizador. O seu uso faz com que as formas, inicialmente nominais, adquiram um valor de verbo de estado com uma característica distinta dos demais verbos: não recebem marcas sufixais.

Estes "verbos de estado" utilizam marcadores da série II, dos verbos intransitivos estativos, sendo que o prefixo de terceira pessoa utilizado é /t-/. Além

disso, a presença do pronome independente é imprescindível. Confiram-se nos exemplos:

(61) a. geminke uro
g - emin - ke uro
1So - barriga - VERB. 1
'estou com fome'

b. oeminke omro
o - emin - ke omro
2So - barriga - VERB. 2
'você está com fome'

c. tominke ugun
t - emin - ke ugun
3So - barriga - VERB. 3
'ele está com fome'

d. tominke ugyam
t - emin - ke ugyam
3So - barriga - VERB. 3Pl.
'eles estão com fome'

e. tominke tximna
t - emin - ke tximna
3So - barriga -VERB. 1+3
'nós estamos com fome'

Os exemplos a seguir mostram outros "verbos de estado":

(62) a. ɨgomtʃimke uro

ɨ - gomtʃim - ke uro

1 - frio - VERB. 1

'estou com frio'

b. waramkumke omro

w - aramkum - ke omro

2 - calor - VERB. 2

'você está com calor'

c. terunke ugun

t - erun - ke ugun

3 - sono - VERB. 3

'ele está com sono'

F.1.5. Forma do "particípio":

Existe uma outra forma verbalizada, derivada por um sufixo /-t/ que se comporta como o "particípio" dos verbos em Português e que, na falta de um melhor termo, chamaremos aqui de "particípio". Esta forma é diferenciada das demais por possuir, além do sufixo /-t/, um prefixo invariável /t-/ marcador de pessoa. Assim como o continuativo, o tempo passado ou futuro é assinalado no auxiliar.

Além das marcas morfológicas, como os marcadores de pessoa e o sufixo /t-/, o que diferencia o "verbo de estado" do "particípio" é o fato de o primeiro ser formado a partir de Nomes, enquanto que o segundo é formado a partir de Verbos. Comparem-se os exemplos (59) e (60) com os exemplos (61):

(63) a. toreŋket uro

t - or - eŋke - t uro

INV- REFL. - acordar - PART. 1

'eu estou acordado(a)'

b. toreŋket etʃilɨ ugun

t - or - eŋke - t etʃi - lɨ ugun

INV - REFL. - acordar -PART. AUX. - IM. 3

'ele estava acordado(a)'

c. toreŋket etʃit omro

t - or - eŋke - t etʃi - t omro

INV - REFL. - acordar - PART. AUX. - NPASS. 2

'você estará acordado'

d. tɨnkɨt etʃilɨ ugun

t - ɨnkɨ - t etʃi - lɨ ugun

INV - dormir - PART AUX - NPASS 3

'ele tinha dormido' (ou 'ele estava adormecido')

F.1.6. Sufixo de aspecto verbal: /-ke/ ~ /-tke/

Ocorre, também, o sufixo /-tke/, com a função de marcar o aspecto verbal, determinando o imperfectivo. Ocorre, especificamente, no ambiente anterior ao sufixo de tempo /-lɨ/, ou ao sufixo continuativo /-naŋ/.

(64) a. karanmetkelɨ
k - aranme - tke - lɨ
1Sa - correr - ASP. - IM.
'eu corria'

b. karanmetkenaŋ
k - aranme - tke - naŋ
1Sa - correr - ASP. - CONT.
'eu ia correndo'

F.1.7. Sufixo de plural do objeto: /-ke/ ~ /-tke/

Ocorre, ainda, um outro sufixo /-ke/ ~ /-tke/, que parece ter a função de marcar o plural do objeto. Alguns estudiosos poderiam chamar o sufixo de "iterativo", pela possibilidade da oração ser interpretada como denotando a repetição da ação por várias vezes. No entanto, em Ikpeng, não daremos consistência a esta

diferenciação entre plural do objeto ou sufixo iterativo, pela ausência, no momento, de dados que comprovem a necessidade de diferenciá-los.

É possível distinguir a ocorrência de /-tke/ plural de objeto (ou iterativo) da ocorrência do /-tke/ aspectual, somente através do contexto. Vejam-se os seguintes exemplos:

(65) a. iŋwoɨ̨ nane tae

i - ŋwo - ɨ̨ nane tae

1A3O - caçar - IM. um macaco

'eu cacei um macaco'

b. iŋwotkeɨ̨ itɨ̨ŋ tae

i - ŋwo - tke - ɨ̨ itɨ̨ŋ tae

1A3O - caçar - Pl. -IM. muitos macacos

'eu cacei muitos macacos'

Comparando-se os dados, notamos que os morfemas nunca seriam confundidos, a não ser que fossem apresentados isoladamente, devido às semelhanças formais, mas não quando estão contextualizados.

Podem ocorrer simultaneamente, o que constitui evidência de que são morfemas distintos. Quando coocorrem na mesma estrutura verbal, o plural do objeto é aquele mais próximo a V, enquanto o aspecto verbal está mais próximo ao sufixo de tempo. Por exemplo:

(66) a. yeneŋketkeɨ petkomtowo

y - eneŋ - ke - tke - ɨ petkom - towo

3O - ver - Pl. - ASP. - IM. mulher - COL.

'eu via a mulherada'

F.1.8. Reflexivo: /ar-/ ~ /or-/ ~ /ot-/ ~ /otʃi/

A marca de reflexividade é prefixada ao verbo. Os alomorfes são condicionados fonologicamente: /ar-/ precede radicais iniciados por sílabas cujo núcleo é /-a-/; /or-/ ocorre em ambientes pré-vocálicos; /ot-/ ocorre em ambientes pré-consonantais, assim como /otʃi-/. O uso de /ot-/ e de /otʃi-/ depende da distribuição acentual do radical ao qual eles se ligam.

Assim como os causativos aumentam a valência do verbo, a reflexividade é um recurso que a diminui, pois o verbo com o prefixo reflexivo passa a admitir somente uma LN, em função de sujeito.

O verbo adquire, desta forma, as propriedades morfológicas de verbo intransitivo ativo, podendo ocorrer somente com os marcadores de pessoa da série I. Semanticamente, o objeto direto é entendido como sendo co-referente ao sujeito. Por exemplo:

(67) a. korenkeli

k - or - enke - li

1Sa - REFL. - acordar - IM

'eu (me) acordei'

b. yenkepoli

y - enke - po - li

1A3O - acordar - CAUS - IM

'eu fiz ele acordar'

Existem vários verbos, em Ikpeng, que ocorrem exclusivamente com o reflexivo ou com o causativo: se possuem um constituinte, devem ocorrer com o prefixo reflexivo, se possuem dois constituintes devem ocorrer com o sufixo causativo, por exemplo:

(68) a. reflexivo

koriguli

k - or - igu - li

1Sa - REFL. - dançar - IM.

'eu dancei'

b. causativo

igupoli

i -(i)gu - po - li

1A3O - dançar - CAUS. - IM.

'eu fiz ele dançar'

F.1.9. Causativos

A língua Ikpeng possui os sufixos /-me/, /-po/, /-mepo/ ~ /metpo/, /-nopo/ ~ /-nop/ ~ /-op/ para marcar a causativização. Conforme afirmou Pacheco (1997), os alomorfes causativos podem ser explicados via redução silábica e assimilação de traços. Gildea (1995), em estudo de outras línguas da família Karib, alega que a alomorfia dos causativos pode estar condicionada, ainda, pelo acento.

Os verbos intransitivos podem ser causativizados através do sufixo /-nopo/, transitivizando-os, por exemplo:

(69) a. umnelɨ ga
Ø - umne - lɨ ga
3Sa - secar - IM água
'a água secou'

a'. Wompi umnepolɨ prato
Wompi Ø - umne - po - lɨ prato
Wompi 3O - secar - CAUS - IM prato
"Wompi secou o prato"

Também ocorre, em verbos intransitivos os sufixos causativos /-po/ e /-me/, tornando-os transitivos, por exemplo:

(69) b. yagnumlɨ aŋpi

y - agnum - lɨ aŋpi

3So - chorar - IM criança

'a criança chorou'

b'. yagnumpolɨ aŋpi

y - agnum - po - lɨ aŋpi

3O - chorar - CAUS - IM criança

'eu fiz a criança chorar'

c. yɨnkɨlɨ Fran

y - ɨnkɨ - lɨ Fran

3So - dormir - IM Fran

'o Fran dormiu'

c'. yɨnkɨmelɨ Yokore Fran

y - ɨnkɨ - me - lɨ Yokore Fran

3So - dormir - CAUS. - IM Yokore Fran

'Yokoré fez o Fran dormir'

Os verbos transitivos podem ser causativizados. Os exemplos abaixo, mostram a causativização de orações básicas:

(70) a. atʃi iŋpolɨ

atʃi ∅ - iŋpo - lɨ

fogo 3O - apagar - IM

'o fogo apagou'

a'. iŋpolɨ amtenu atʃi

∅ - iŋpo - lɨ amtenu atʃi

3O - apagar - IM vento fogo

'o vento apagou o fogo'

a''. iŋpomelɨ amtenu atʃi

∅ - iŋpo - me - lɨ amtenu atʃi

3O - apagar - CAUS - IM vento fogo

'o vento fez o fogo apagar'

(70) b. koreneŋlɨ

k - or - eneŋ - lɨ

1Sa - REFL. - ver - IM

'eu me vi'

b'. kineŋlɨ

ki - neŋ - lɨ

1A/2O - ver - IM

'eu vi você'

b''. yeneŋpolɨ oŋna

y - neŋ - po - lɨ oŋ - na

1A/3O - ver - CAUS - IM 2 - DAT

'eu fiz você ver (algo)' ou 'eu mostrei (algo) para você'

Como é possível observar, em (70b) a forma do verbo é intransitiva. Em (70b') acrescentou-se um argumento à oração que passou a ocupar o papel sintático

de O, na oração básica. Em (70b''), com o acréscimo de um terceiro argumento, aquele em função de O passa a argumento periférico: dativo. É possível perceber, através dos marcadores de pessoa, que o verbo da oração causativizada, cujo objeto passa a argumento periférico, não possui a mesma estrutura sintática da oração básica, porque o último acréscimo, que ocupou a função sintática de O, é argumento de terceira pessoa e aquele da oração transitiva, que passou à locução posposicional é argumento de segunda pessoa.

Pacheco (1997) analisou mais detalhadamente a oração causativizada (c.f. Pacheco, 1997:90-94). Porém, este estudo ainda será retomado em pesquisas posteriores para uma análise exaustiva do fenômeno, em Ikpeng.

II.3. A Oração Independente: Ordem e Apagamento de Constituintes

A oração independente pode ser nominal ou verbal, em Ikpeng, conforme a natureza do elemento que manifesta o predicado. As orações nominais independentes podem ter como predicado um nome, ou equivalente sintático, bem como um adjetivo.

Em Ikpeng, não ocorre nenhum tipo de elemento conectando o sujeito e o predicado não verbal. A relação de predicação é determinada apenas por uma ordem particular dos constituintes, que permite distinguir o emprego do adjetivo como modificador adnominal na locução e como predicado da oração nominal.

Na oração nominal, diferentemente do que ocorre na locução, o adjetivo predicado antecede o sujeito que pode ser expresso por um Nome ou um Pronome. Na locução, não existe a possibilidade de o adjetivo modificar um Pronome. Ele modifica um Nome que o antecede na construção da oração.

Oração Nominal	→	Adjetivo Predicado + Nome
Locução Nominal	→	Nome + Adjetivo

Nas orações verbais, os nomes, assim como os pronomes pessoais independentes, especificam as categorias sintáticas de 'sujeito' (A, Sa, So) e 'objeto' (O) da oração independente.

II.3.1. Ordem de Constituintes

A ordem básica dos constituintes da oração independente do Ikpeng é VAO, para construções transitivas e VS para construções intransitivas. Ainda são aceitáveis as ordens OVA/VS. A ordem expressa por AVO/SV, segundo os antigos, se estabeleceu pela influência da Língua Portuguesa.

A oração independente ainda pode ter um outro constituinte diferente de A e de O. Trata-se do Adjunto, expresso ou por Advérbios ou por Locuções Posposicionais, que se encontram geralmente em posições periféricas da oração. O Adjunto representa, semanticamente, os papéis circunstantes da oração,por exemplo:

(71) a. Kiripnole aynkuli iroymi egepak

kiripnole ∅ - aynku - li i - roymi egepak

ADV. 3A - pescar - IM 1 - pai tucunaré

ADV V A O

'de manhã, meu pai pescou tucunaré'

b. tariwe teŋgetkelan iroye tʃimnana

tariwe t - eŋgetke - lan i - roye tʃimna - na

beiju 3A - preparar - IM 1 - mãe 1+3 - POSP

O V A LP

'minha mãe preparou beiju para nós'

Se a oração independente for constituída de dois pronomes, dois substantivos, ou de um pronome e um substantivo, pode ocorrer o apagamento de um dos constituintes ou de ambos.

II.3.2. Apagamento de Constituintes

Pode ocorrer o apagamento de A ou de O, porque a relação interpessoal é expressa no verbo através de prefixo marcador de pessoa.

O apagamento das LNs pode deixar a oração ambigua somente na situação em que a relação é entre a terceira pessoa, em função de A e uma outra terceira pessoa em função de O. Nos demais casos o apagamento é um recurso bastante comum, como é possível observar através dos seguintes exemplos:

(72) a. oeneŋlɨ akari

o - eneŋ - lɨ akari

2O - ver - IM cachorro (omro)

V A O

'o cachorro/a onça viu você'

b. geraŋoplɨ ogoy

g - eraŋ - op -lɨ ogoy

1O - assustar - CAUS - IM cobra

V A O

'a cobra me fez assustar'

c. yawɨlɨ akari

y - awɨ - lɨ akari

1A/3O - bater - IM cachorro

V A O

'eu bati (n)o cachorro'

d. kwawɨt

k - w - awɨ - t

1A - 2O - bater - NPASS

'eu bato (em) você'

Quando a oração denota a relação 3A/3O através de duas LNs não-pronominais, o apagamento pode causar ambiguidade na construção da oração.

A ambiguidade pode ser desfeita através de dois recursos:

1- pelo contexto:

(73) a. ɨnarut amitkelɨ ampirak. Ketpotke erenmɨlɨ ugun

ɨ - narut ∅ - amitke - lɨ ampirak ketpotke ∅ - erenmɨ - lɨ ugun

1 - irmã 3O - picar - IM pernilongo por isso 3O - matar - IM 3

O V A V A

'O pernilongo picou minha irmã, por isso ela o matou'

2- deslocando-se a LN em função de O para o início da oração:

(74) a. tɨplɨ Yokore akari

t - ɨp - lɨ Yokore akari

3O - banhar - IM Yokore akari

V A O

' Yokore banhou o cachorro'

b. akari tɨplɨ

akari t - ɨp - lɨ

cachorro 3O - banhar - IM

O V

'ele banhou o cachorro'

Além do contexto e do deslocamento de O, quando A é apagado, em alguns casos, é possível inferir, a partir da natureza semântica do verbo, qual é o provável constituinte em função de A e qual é em função de O:

A raiz /-agu-/ ('comer'), por exemplo, indica que o alimento pode ser peixe ou caça, independentemente do modo de preparo: cozido, assado, moqueado ou pirão de peixe:

(75) a. agulɨ

∅ - agu - lɨ

3O - comer - IM.

'ele comeu (carne)'

A raíz verbal /-enap-/ ('comer') é utilizada para indicar outro tipo de alimento, que pode ser mingau, arroz, frutas cítricas etc.

(76) a. enaplɨ

panana ∅ - enap - lɨ

banana 3O - comer

'ele comeu (mingau, arroz etc)'

Ainda, a raiz verbal /-ogu-/ ('comer') é usada para alimentos como massa (beiju) e frutas de massa (banana, goiaba, abacate etc.):

(77) a. toguɨ̃

t - ogu - ɨ̃

3O - comer - IM

'ele comeu (banana, goiaba etc.)

III

MARCAÇÃO DE CASO NAS ORAÇÕES INDEPENDENTES DA LÍNGUA IKPENG

Por sistema de marcação de caso entende-se o conjunto de mecanismos utilizados na língua para marcar as relações sintático-semânticas dos nominais com o verbo. Tais mecanismos incluem não apenas o caso morfológico, marcado no nominal, como aquele presente em línguas como o Latim e o Alemão, mas também a ordem dos constituintes na oração e os marcadores de pesso no verbo.

As línguas divergem tipologicamente quanto ao tipo de função que privilegiam, quanto aos recursos que utilizam e quanto à maneira em que o fazem.

Comrie (1978) aponta cinco tipos logicamente possíveis de sistemas de marcação de caso, com base na consideração dos três argumentos que ocorrem

tipicamente com predicados intransitivos e transitivos: S - argumento único de verbo intransitivo; A e O (P) [3] - argumentos de verbo transitivo correspondentes ao sujeito e ao objeto direto , respectivamente.

Conforme Comrie (1978), o sistema de marcação de caso é nominativo se o argumento único de um verbo intransitivo (S) é tratado da mesma maneira que aquele em função de sujeito de verbo transitivo (A) e diferentemente do objeto.

O sistema de marcação de caso é ergativo quando S é tratado como O e não como A. Os outros sistemas teoricamente possíveis, porém raros ou não-atestados, são: o neutro, que não estabelece distinção entre os constituintes S, A e O; o contrastivo, que trata os constituintes S, A e O diferentemente; e um sistema que trataria os constituintes A e O do verbo transitivo igualmente, porém diferentemente do constituinte S do verbo intransitivo.

Comrie, portanto, baseia sua tipologia em uma distinção de três elementos (S, A e O), sendo que S aparece como uma categoria unificada. Entretanto, tem-se, em muitas línguas, uma distinção, com frequência motivada semanticamente, de duas classes de verbos intransitivos, cujos argumentos são marcados diferentemente.

Essa distinção está na base de um sexto tipo de marcação de caso - o sistema ativo, também referido na literatura como ativo/inativo, agente/paciente, ativo/estativo ou S-cindido.

Nesse sistema, o argumento de verbos de uma das classes, a ativa (Sa), é marcado do mesmo modo que A, enquanto que o argumento de verbos da outra

classe (So) recebe a mesma marcação que O, como é possível atestar na língua Kamaiurá (Seki, 1990), por exemplo.

Merlan (1985) classifica a primeira série como "subjective inflection" e a segunda como "objective inflection". Segundo a autora, este termos são usados apenas para uma descrição formal dos dados, sem a intenção de interpretá-los semanticamente ou por suas categorias invariantes.

Para alguns linguistas (por exemplo Dixon, 1979), a distinção entre Sa e So é vista como relacionada a uma cisão no sistema ergativo (S-cindido), sendo considerada um sub-tipo de ergatividade.

É preciso notar que, neste caso, não se parte do tratamento simultâneo das quatro relações básicas - Sa, So, A e O, mas leva-se em conta ora uma ora outra subclasse de verbos intransitivos na correlação com os transitivos, o que resulta no estabelecimento dos padrões: $S=A\neq O$ (Nominativo), no caso de verbos ativos, e $S=O\neq A$ (Ergativo), no caso de verbos estativos.

Para outros linguistas, a presença da distinção entre duas classes de verbos intransitivos pode constituir um sistema autônomo - o ativo/estativo. A postulação desse sistema, ao lado do Ergativo/Absolutivo e do Nominativo/Acusativo, foi fundamentada por Klimov (1972, 1977; apud Seki, 1982, 1990), que o caracterizou em correlação com toda a estrutura linguística.

A existência do sistema ativo/estativo é também reconhecido por Kibrik, segundo o qual:

> *"a ergatividade, contraposta à nominatividade (ou acusatividade, tendo em vista que este refere-se ao termo marcado, ou seja, o nome no acusativo) permite que esta última seja vista como um modo particular de construção da oração, e não como um universal lingüístico."*

O autor analisa a necessidade de uma teoria geral da construção da oração, em que a acusatividade e a ergatividade figurem apenas como duas das possibilidades lógicas do mecanismo lingüístico universal.

Para o sistema de marcação de caso, Kibrik (1985) sugere esquemas de casos, que são pré-determinados pelo número de constituintes (NPs) e seus papéis semânticos. Os principais são: verbo + agente; verbo + paciente; verbo + agente + paciente.

Ao considerar as duas classes de verbos intransitivos nos esquemas casuais básicos, Kibrik parte de uma distinção quadripartida como base de seu cálculo de quinze sistemas logicamente possíveis de marcação de caso, e inclui o sistema ativo-estativo entre os cinco tipos realmente atestados nas línguas.

Na análise do sistema de marcação de caso, vários aspectos devem ser considerados, mesmo porque não é comum um sistema ser puro, mas sim apresentar cisões condicionadas por fatores semânticos, como a natureza do verbo (ativo, não-ativo); a natureza do nominal (nome, pronome), o tipo de oração (independente,

subordinada), a categoria de aspecto e de modo envolvidos, incluindo assim diferentes subsistemas (Dixon, 1979).

No que segue, será tratado o sistema de marcação de caso em orações independentes da língua Ikpeng, as cisões existentes no sistema bem como os fatores condicionantes.

Estaremos utilizando os símbolos Sa, So, A e O para referência aos papéis sintático-semânticos associados aos participantes.

III.2. Recursos da Língua para Expressar as Funções de Sujeito e Objeto

Como foi mencionado no Capítulo I, o Ikpeng não possui caso morfológico. Os nominais em função de S, A e O não recebem sufixos casuais. A marcação de caso na língua é realizada por meio da ordem de constituintes e por meio de marcadores de pessoa que ocorrem no verbo.

III.2.1.O Verbo Intransitivo

Na oração independente do Ikpeng o argumento único de verbo intransitivo é marcado por prefixos pronominais, independentemente de virem expressos por LN. Comparem-se os exemplos a seguir:

(78) a. koreŋkeɨ / koreŋkeɨ uro
k - or - eŋke - ɨ uro
1Sa - REFL. - acordar - IM 1
'eu acordei'

b. marepɨ / marepɨ omro
m - arep - ɨ omro
1Sa - chegar - IM 2
'você chegou'

c. aranmeli / aranmeli ugun

∅ - ar - anme - li ugun

3Sa - REFL. - correr - IM. 3

'ele correu'

d. aranmeli akari

∅ - ar - anme - li akari

3Sa - REFL. - correr - IM. cachorro

'o cachorro correu'

e. aranmeli Fran

∅ - ar - anme - li Fran

3Sa - REFL. - correr - IM. Fran

'o Fran correu'

f. aranmeli tximna

∅ - ar - anme - li tximna

Sa - REFL. - correr - IM. 1+3

'nós corremos'

Através dos exemplos (78c) e (78f) podemos notar que a primeira pessoa do plural exclusivo tem o mesmo comportamento que a terceira pessoa, com relação ao marcador no verbo (c.f. adiante). A primeira pessoa do plural exclusivo é sistematicamente apontada pelo pronome independente, na ausência dele a oração denotará a terceira pessoa.

No capítulo II vimos que, em Ikpeng, distinguem-se duas classes de verbos intransitivos, conforme a série de marcadores de pessoa que admitem: os verbos ativos, que ocorrem com marcadores da série I, e os verbos estativos, que recebem os marcadores da série II.

No quadro a seguir, vêm indicadas essas duas séries, incluindo os alomorfes:

séries de S / pessoas	I (Sa)	II (So)
1	k-	g- ~ ɨ -
2/2pl.	m-	o- ~ w- ~ a-
3/3pl.	∅-	y- ~ i- ~ ∅ ~
1pl. (incl.)	kur- ~ kw-	ugw- ~ wɨ –~ w-

A série I possui apenas um caso de alomorfia, condicionada morfologicamente: /kur-/ ~ /kw-/ "1+2", como mostram os dados abaixo:

(79)	a.	kw	- or	- eŋke	- lɨ	'nós acordamos'
		kw	- ar	- anme	- lɨ	'nós corremos'
		kw	- ar	- arepam	- lɨ	'nós emagrecemos'
		kw		- omom	- lɨ	'nós entramos'
	b.	kur	- or	- igu	- lɨ	'nós dançamos'
		kur-	- or	- ukutke	- lɨ	'nós defecamos'
		kur		- eŋuke	- lɨ	'nós brigamos'
		kur-		- arep	- lɨ	'nós chegamos'

Como é possível observar, não há evidências fonológicas para determinar a ocorrência dos alomorfes /kw-/ ~ /kur-/. Os demais marcadores da série I serão exemplificados a seguir:

(80) a. 1ª pessoa: /k-/

koriguli
k- or- -igu- -li
1Sa REFL. V IM.
'eu dancei'

karanmeli
k- ar- -anme -li
1Sa REFL. V IM.
'eu corri'

komomli
k- -omom -li
1Sa V IM.
'eu entrei'

b. 2ª pessoa: /m-/

moriguli
m- or- -igu- -li
2Sa REFL. V IM.
'você dançou'

moreŋkeɨ

m- or- -eŋke -ɨ

2Sa REFL. V IM.

'você acordou'

maranmeɨ

m- ar- -anme- -ɨ

2Sa REFL. V IM.

'você correu'

momomɨ

m- -omom- -ɨ

2Sa V IM.

'você entrou'

c. 3ª pessoa: ∅

origuɨ

∅- or- -igu- -ɨ

3Sa REFL. V IM.

'ele dançou'

oreŋkeɨ

∅- or- -eŋke -ɨ

3Sa REFL. V IM.

'ele acordou'

aranmeɨ

∅- ar- -anme- -lɨ

3Sa REFL. V IM.

'ele correu'

omomlɨ

∅- -omom- -lɨ

3Sa V IM.

'ele entrou'

Os prefixos da série II são idênticos aos prefixos marcadores de possuidor, que foram tratados no capítulo anterior (c.f. II.2.1), quando descrevemos a classe de Nomes. Para exemplificar a ocorrência dos prefixos com verbos que admitem a série II tem-se os seguintes exemplos:

(81) a. 1ª Pessoa: /ɨ -/ ~ /g-/

ɨmtarumlɨ

ɨ- -mtarum- - lɨ

1So V IM.

'eu falei'

ɨnkɨlɨ

ɨ - -nkɨ- -lɨ

1So V IM.

'eu dormi'

getpamlɨ
g - -etpam- -lɨ
1So V IM.
'eu nasci'

b. 2ª Pessoa

amtarumlɨ
a- -mtarum- lɨ
2So V IM.
'você falou'

onkɨlɨ
o - -nkɨ- -lɨ
2So V IM.
'você dormiu'

oetpamlɨ
o - -etpam- -lɨ
2So V IM.
'você nasceu'

wapronumlɨ
w - apronum - lɨ
2So V IM.
'você tremeu'

c. 3ª Pessoa: /i-/ ~ /y-/ ~ ∅

imtarumlɨ
i- -mtarum- lɨ
3So V IM.
'ele falou'

yɨnkɨlɨ
y - -ɨnkɨ- -lɨ
3So V IM.
'ele dormiu'

etpamlɨ
∅ - -etpam- -lɨ
3So V IM.
'ele nasceu'

apronumlɨ
∅ - apronum - lɨ
3So V IM.
'ele tremeu'

d. 1ª pessoa do plural inclusivo (1+2): /ugw-/ ~ /wɨ -/ ~ /w-/

wɨmtarumli
wɨ- -mtarum- lɨ
1+2So V IM.
'nós falamos'

winkili
wi - nki- -li
1+2So V IM.
'nós dormimos'

ugwetpamli
ugw - -etpam- -li
1+2So V IM.
'nós nascemos'

wapronumli
w - apronum - li
1+2So V IM.
'nós trememos'

III.2.2. O Verbo Transitivo

Também o verbo transitivo recebe apenas um marcador de pessoa, que assinala a concordância com A, com O ou com ambos, com exceção do caso em que a primeira pessoa é A e a segunda pessoa é O, quando ocorrem dois prefixos: um que marca A e outro que marca O (c.f. adiante). O uso de um determinado marcador depende da combinação de pessoas nas funções de A e de O em uma dada oração.

O quadro abaixo reúne os prefixos de verbos transitivos e seus alomorfes:

Quadro D:

O / A	1	2	1+2	3
1		k(w)-~k(o)-~k(i)-		y-
2	ugw- ~ w-			m-
1+2				kur-
3	g- ~ ɨ -	o- ~ w-	ugw- ~ w-	(t-)

No quadro, na posição vertical, 1, 2, 1+2 e 3 estão representando os argumentos de oração independente em função de sujeito (A), conforme a pessoa que designa. Na posição horizontal, estão sendo representados os argumentos na posição de objeto (O).

As formas reflexivas, marcadas pelo prefixo {ot-}, comportam-se como intransitivas ativas, como já vimos, são situações em que A e O são co-referentes, recebendo os prefixos da série I, por isso não foram expostas no quadro.

Nas situações em que A é a terceira pessoa e O uma outra terceira pessoa, diferente de A, estamos considerando uma forma não reflexiva, marcada por /t-/, por exemplo, /yɨblɨ/ 'ele se banhou' é diferente de /tɨblɨ/ 'ele banhou ele (outro)'.

Os outros espaços em branco do quadro referem-se à impossibilidade lógica da relação interpessoal. Como 1+2 está representando a primeira pessoa do plural inclusivo, não é possível relacioná-la com 1, nem com 2. Não parece ser aceitável

uma oração do tipo 'Nós (inclusive você) batemos em você', ou ainda: 'Nós batemos em mim'. A seguir, descrevemos o comportamento morfofonológico dos alomorfes de verbos transitivos:

Relação 1A/2O

Nas situações em que A é a primeira pessoa e O é a segunda pessoa, o morfema usado possui três alomorfes, /kw-/ ~ /ko-/ ~ /ki-/. Como será mostrado adiante, a forma é interpretada como consistindo de dois prefixos: /k-/ e /o-/.

A forma /k-o-/ foi encontrada em duas únicas situações. Em ambas, a raiz inicia-se com segmento [- vocálico], como apresentamos a seguir:

(83) a. kobɨɨ
k - o - (- ɨ)b - ɨɨ
1A -2O banhar - IM
'eu banhei você'

b. kowot
k- o- wo - t
1A -2O flechar - NPASS
'eu flecho você'

A forma /k-w-/ parece ter um condicionamento fonológico. Em Ikpeng a sequência vocálica /oa/ torna-se /wa/ pelo processo de dissimilação (c.f. Emmerich. 1972:70). Se considerássemos que o morfema básico é /o-/, poderíamos, hipoteticamente, dizer que o alomorfe /ko-/ passa a /kw-/ diante de /a-/, pelo processo de dissimilação. Observem-se os exemplos com o alomorfe /kw-/:

(84) a. kwaruptompolɨ
k - w- aruptompo - lɨ
1A - 2O - queimar - IM
'eu queimei você'

b. kwanmelɨ
k - w- anme - lɨ
1A -2O - empurrar - IM.
'eu empurrei você'

c. kwarɨt
k- w - arɨ - t
1A - 2O - levar - NPASS.
'eu levo você'

Comparando-se o prefixo da relação 1A/2O com outros prefixos, marcadores de outras relações pessoais, podemos dizer, minimamente, que a forma /ki-/ ocorre diante da raiz verbal iniciada por /e-/, ocorrendo a queda deste. Por exemplo:

(82)	a.	kineŋlɨ k - i - (e)neŋ - lɨ 1A/2O - ver - IM. 'eu vi você'	c.f.	y - eneŋlɨ 1A/3O 'eu o vi'
	b.	kimpaŋlɨ k - i - (e)mpaŋlɨ 'eu ensinei você'	c.f.	o - empaŋlɨ 3A/2O 'ele ensinou você'
	c.	kimpatʃɨ k - i - (e)mpa - tʃi 1A/2O - pintar - NPASS. 'eu vou pintar você'	c.f.	∅ empatʃi 3A/3O 'ele vai pintar ele (outro)'

Observamos, também, a ocorrência da mesma forma /ki-/ diante de raiz iniciada pela vogal /i-/, como mostra o seguinte exemplo:

	d.	kiranlɨ k - i - (i)ran - lɨ 1A/2O - ouvir - IM. 'eu ouvi você'	c.f.	yiraŋlɨ 1A/3O 'eu o ouvi'

Relação 2A/1O; 3A/1+2O

Na situação em que a segunda pessoa é A e a primeira pessoa é O, observamos que o ambiente de realização dos alomorfes depende da forma canônica do radical verbal. Isto é, por se tratar de uma língua de acento previsível, mantém-se a regularidade do padrão acentual. Os alomorfes estão condicionados, ainda, pelo tipo de sílabas, se é tônica ou átona, e também pelo número de sílabas que compõem o radical.

O alomorfe /ugw-/ precede o radical de número ímpar de sílabas, porque, sendo assim, seguindo o padrão acentual do Ikpeng , o radical será iniciado por uma sílaba forte:

(85) a. ugwenenɳɨ

ugw- -enenɳ - ɨ

2A/1O ver - IM.

'você me viu '

b. ugwawiɨ

ugw- -awɨ - ɨ

2A/1O bater - IM.

'você me bateu '

\ ^ ^ /

c. ugwaruptompoɨ

ugw- -aruptom - po - ɨ

2A/1O queimar - CAUS. - IM.

'você me queimou'

O alomorfe /w-/ precede radicais com número par de sílabas e, consequentemente, iniciado por sílaba átona, por exemplo:

\ / \ /

(86) a. werenmɨɨ

w- - erenmɨ - ɨ

2A1O - matar - IM

'você me matou'

\ ^ /

b. wektomɨɨ

w- - ektomɨ - ɨ

2A1O- sujar - IM

'você me sujou'

\ /

c. wibɨ

w- - ɨb - ɨ

2A1O - banhar - IM

'você me banhou'

\ ^ /

d. wemkawiɨ

w- - emkawi - ɨ

2A1O - pentear -IM

'você me penteou'

Chegamos a esta conclusão, no nível prosódico, tendo em vista que a troca de /ugw-/ por /w-/, e vice-versa, é inaceitável pelos falantes. Tanto os antigos quanto os jovens alegavam uma certa estranheza diante do uso de /w-/ antes de sílaba tônica e do uso de /ugw-/ antes de sílaba átona.

Quando o alomorfe /w-/ precede uma sílaba tônica, a relação interpessoal expressa é de 3A/2O, como é o caso de /wawɨlɨ/, /wanebɨlɨ/, /warɨlɨ/. Nestas situações o alomorfe está em distribuição complementar com /o-/, sendo que /w-/ ocorre em ambientes que precedem a vogal /a-/, e o alomorfe /o-/ ocorre nos demais ambientes.

Como é possível observar no Quadro de Marcadores de Pessoa, tanto na situação em que a segunda pessoa é A e a primeira pessoa é O (2A/1O) como na situação em que a terceira pessoa é A e a primeira pessoa do plural inclusivo é O (3A/1+2O) os marcadores de pessoa são idênticos.

Com relação aos alomorfes /ugw-/ ~ /w-/, usados nas situações em que a terceira pessoa é A e a primeira pessoa do plural inclusivo é O, seria possível formular uma hipótese de que as formas resultam da junção do morfema marcador de 3A com o morfema marcador de 1+2O, tendo em vista que, conforme a série I do quadro de verbos intransitivos, a terceira pessoa na posição de 'sujeito' não é marcada(∅). Porém, não seria uma boa hipótese, porque não há morfemas complexos na situação inversa, em que a primeira pessoa do plural inclusivo é A e a terceira pessoa é O.

Relação 1+2A3O

Na situação em que a primeira pessoa do plural inclusivo é A e a terceira pessoa é O, o marcador no verbo é o prefixo /kur-/

(87) a. kurakpɨlɨlɨ
kur - akpɨlɨ - lɨ
1+2A - molhar - IM
'nós molhamos ele'

b. kureŋukelɨ
kur - eŋuke - lɨ
1+2A - lembrar - IM
'nós lembramos ele'

c. kuranepɨ
kur - anep - lɨ
1+2A - trazer - IM
'nós trouxemos ele'

Relação 3A/2O e 2A/3O

Na situação em que a terceira pessoa é A e a segunda pessoa é O, o prefixo /o-/ ~ /w-/ é acrescentado ao verbo. A alomorfia é condicionada fonologicamente,

como nos marcadores da série II de verbos intransitivos: /o-/ é o morfema básico; /w-/ é resultante do processo de dissimilação diante de /a-/.

(88) a. oektomiɨ
o - ektomi - lɨ
2O - sujar - IM
'ele sujou você'

b. owot
o - wo - t
2O - morder - NPASS
'ele vai flechar você'

c. warilɨ
w - ari - lɨ
2O - levar - IM
'ele levou (carregou) você'

Relação 2A3O

Na situação em que a segunda pessoa é A e a terceira pessoa é O o verbo vem prefixado com /m-/.

(89) a. meruli akari ina
m - eru - lɨ akari ɨ - na
2A - dar - IM cachorro 1- POSP
'você deu o cachorro para mim'

b. memkawiɨ
m - emkawi - ɨ
2A - pentear - IM
'você o penteou'

Relação 1A/3O

Na situação em que a primeira pessoa é A e a terceira pessoa é O, o verbo recebe o prefixo /y/:

(90) a. yanmeɨ
y- anme - ɨ
3O empurrar - IM.
'eu o empurrei'

b. yaríɨ
y - ari - ɨ
3O - trazer - IM.
'eu o trouxe'

Relação 3A/1O

Se a terceira pessoa for A e a primeira for O, o verbo recebe o prefixo /g-/, por exemplo:

(91) a. genenɳɨ

g - enenɳ - ɨ

1O - ver - IM.

'ele me viu'

b. gawɨɨ

g - a wɨ - ɨ

1O - bater - IM.

'ele me bateu'

Relação 3A/3O

Na situação em que a terceira pessoa é A e uma outra (terceira) pessoa é O, o verbo ocorre sem prefixo (∅), ou recebe o prefixo /t-/, conforme os exemplos:

(92) a. anomɨ

∅ - anom - ɨ

3A/3O - mandar - IM

'ele mandou ele (outro)'

b. empanɳɨ anɳpi

∅ - empanɳ - ɨ anɳpi

3A/3O - ensinar - IM criança

'ele ensinou a criança'

c. enenɨli akari ogoy

∅ - enen - lɨ akari ogoy

3A/3O - ver - IM cachorro cobra

'o cachorro viu a cobra'

(93) a. teruli

t - eru - lɨ

3A/3O - dar - IM

'ele o deu'

b. twolan wot

t - wo - lan wot

3A/3O - flechar - IM peixe

'ele flechou o peixe'

c. tɨplɨ anpi akari

t - ɨp - lɨ anpi akari

3A/3O - banhar - IM menino cachorro

'o menino banhou o cachorro'

III.2.2.1. Considerações sobre a Primeira Pessoa do Plural Exclusivo:

Como já foi dito, a primeira pessoa do plural exclusivo (1+3) é marcada por um pronome independente, por isso ela não consta na tabela exposta anteriormente. Na situação em que a primeira pessoa do plural exclusivo é A e a segunda pessoa é O, marca-se o prefixo /o-/ no verbo e, na situação inversa, ou seja, em que a segunda

pessoa é A e a primeira pessoa do plural exclusivo é O, marca-se o prefixo /m-/ no verbo.

Os marcadores de pessoa no verbo: /o-/ e /m-/ são idênticos aos marcadores usados nas relações 3A/2O e 2A/3O, respectivamente, comprovando o fato de o comportamento da primeira pessoa do plural exclusivo (1+3) ser idêntico ao comportamento da terceira pessoa (3), conforme mostram os exemplos a seguir:

(94) a. menenɳɨ

□ m - enenɳ - ɨ

PRO 2A - ver - IM.

'você o viu'

a'. oenenɳɨ

□ o - enenɳ - ɨ

PRO 2O - ver - IM.

'ele viu você'

b. tximna menenɳɨ

tximna m - enenɳ - ɨ

1+3 2A - ver - IM.

'você nos viu'

b'. tximna oenenɳɨ

tximna o - enenɳ - ɨ

1+3 2O - ver - IM.

'nós te vimos'

Nos verbos intransitivos estativos, bem como em alguns verbos transitivos, em que a terceira pessoa é marcada pelo prefixo /i-/ ~ /y-/ ~ /t-/, a terceira pessoa do plural exclusivo também terá o marcador de /i-/ ~ /y-/ ~ /t-/ prefixado ao verbo, com a presença imprescindível do pronome independente /tʃimna/. Em todos os dados coletados, /tʃimna/ ocorre numa posição fixa, precedendo o verbo, como mostram os exemplos:

(95) a. yɨnkilɨ
y - ɨnkɨ - lɨ
3So - dormir - IM
'ele dormiu'

b. tʃimna yɨnkilɨ
tʃimna y - ɨnkɨ - lɨ
PRO 3So - dormir - IM
'nós dormimos'

(96) a. teruli
t - eru - lɨ
3A3O - dar - IM.
'ele o deu'

b. petkom teruli akari aŋpina

petkom t - eru - li akari aŋpi - na

mulher 3A3O - dar - IM cachorro criança - POSP

'A mulher deu o cachorro para a criança'

c. tximna teruli akari

tximna t - eru - li akari

PRO 1+3A/3O - dar - IM cachorro

'nós demos o cachorro'

A queda do prefixo /i-/ ~ /y-/, diante de /tʃimna/, ocorre somente e sistematicamente em nomes possuídos, que admitem /i-/ como marcador de terceira pessoa. Apenas neste caso, isto é, em nomes possuídos, se verificou a diferença entre a forma de marcar 1+3 da forma de marcar 3 no verbo. Nos exemplos abaixo se confirma a queda do prefixo /i-/ ~ /y-/.

(97) a. yatan

y - ata - n

3 - sapé - POSS.

'sapé dele'

a'. tʃimna atan

tʃimna ∅ - ata - n

1+3 sapé - POSS.

'nosso sapé'

b. ilu

i - lu - ∅

3 - língua - POSS.

'língua dele'

b'. tʃimna lu

tʃimna ̄ - lu - ∅

1+3 língua - POSS.

'nossa língua'

Nos casos em que a terceira pessoa é representada por ∅, junto a Nomes possuídos, a terceira pessoa do plural exclusivo também será representada por ∅.

Observe-se nos seguintes exemplos:

(98) a. eŋru (c.f. geŋru 'meu olho')

∅ - eŋ - ru

3 - olho - POSS.

'olho dele'

a'. tximna eŋru

1+3 ∅ - eŋ - ru

- olho - POSS.

'nossos olhos'

b. emɨt (c.f. gemɨt 'meu rosto')

∅ - emɨt - ∅

3 - rosto - POSS.

'rosto dele'

b'. tximna emɨt

tximna ∅ - emɨt - ∅

1+3 rosto - POSS.

'nosso rosto'

Portanto, é possível afirmar que o comportamento da terceira pessoa do plural exclusivo é idêntico ao comportamento da terceira pessoa, nas construções verbais.

Nas construções nominais, ou seja, nos nomes marcados pelos afixos de posse, o pronome independente /tʃimna/ terá sempre ∅ no lugar do marcador de possuidor, independentemente do fato do marcador de terceira pessoa ser expresso por /i-/ ou ∅.

III.2.3. A Determinação da Pessoa do Verbo Transitivo

As orações de verbos transitivos, possuem dois constituintes: um em função de A e outro em função de O. Porém, exceto em um caso, ocorre somente um marcador de pessoa afixado ao verbo, assinalando uma concordância com A, com O ou com ambos.

Comparando-se os marcadores de pessoa usados para marcar o possuidor junto aos Nomes; o sujeito (Sa e So), junto a verbos intransitivos e os marcadores de verbos transitivos, é possível determinar qual dos argumentos, A ou O, está sendo marcado pelo prefixo nos verbos transitivos.

O quadro a seguir reúne todos os marcadores de pessoa da língua Ikpeng:

A / O	TRANSITIVOS				INTR.	POSSUIDOR
	1	2	1+2	3	Série II (So)	
1		ugw- w- wi-		g- i-	g- i-	g- i-
2	k-			w- o-	w- o- a-	w- o- a-
1+2				w- ugw-	ugw- w- wi-	ugw- w- wi-
3	y- i-	m-	kur-	∅ t-	∅ t- i -	∅ t- i-
INTR Série I (Sa)	k-	m-	kur-	∅		

Este quadro fornece evidências para comprovar que, nos transitivos, o prefixo /k-/, assim como /g-/ ~ /-ɨ/, marcam 1; /m-/, assim como /o-/ ~ /w-/ ~ /a-/ marcam 2; ∅, assim como (/y-/ ~ /i-/ ~ /t/) marcam 3; /kur-/, assim como /ugw-/ ~ /wɨ/ ~ /w-/ marcam 1+2.

Em se tratando da relação 3A/3O, observando-se no quadro, é possível notar que a ausência de prefixo (representada por ∅) ocorre tanto na série I quanto na série II de intransitivos. Esta ocorrência em ambas as séries foi detectada através dos paradigmas da série I e da série II, como mostram os seguintes dados:

(99) a. Verbo 'acordar' (Série I)

1	k-	or - eɳke - lɨ
2	m-	or - eɳke - lɨ
3	∅	or - eɳke - lɨ
1+2	kw-	or- eɳke - lɨ
2pl.	m-	or- eɳke - lɨ - ɳmo
3pl.	∅	or- eɳke - lɨ - ɳmo

(100) b. Verbo 'sair' (Série II)

1	g-	egakte - lɨ
2	o-	egakte - lɨ
3	∅	egakte - lɨ
1+2	w-	egakte - lɨ
2pl.	o-	egakte - lɨ - ɳmo
3pl.	∅	egakte - lɨ - ɳmo

Se a ausência de prefixo ocorre nas duas séries de intransitivos, não teríamos como atestar que o prefixo da relação 3A/3O da construção com verbo transitivo está marcando A ou O.

No entanto, o prefixo /t-/ não ocorre nos marcadores da Série I (Sa), mas ocorre nos marcadores da série II (So) e também em construções com verbos transitivos. Por este motivo, podemos dizer que a ausência de marcação nos transitivos, bem como o marcador /t-/ ocorre em função de O e não de A.

No que diz respeito ao marcador que assinala a relação entre a primeira pessoa em função de A e a segunda pessoa em função de O: {k- o-}, há pelo menos três alternativas para sua interpretação:

1 - Considerar que o prefixo está relacionado ao prefixo /k-/ "primeira pessoa do singular/série I". Porém, não teríamos evidências que explicassem o surgimento do segmento /o/ em {k- o-}.

2 - Considerar que o marcador é um morfema *"portmanteau"* {ko-}, que assinala simultaneamente a concordância com os dois participantes: 1A/2O.

3 - Considerar que, nesta situação, tem-se dois prefixos: /k-/ "primeira pessoa em função de A e {o-} "segunda pessoa em função de O". Esta seria a única ocorrência simultânea de dois marcadores no verbo transitivo: /k-/ + /o-/.

Das três alternativas, a segunda encontra fundamento em Gildea (1992), que reconstrói os prefixos de 1A/2O, 2A/1O e 3A/1+2O como sendo /ki-/, no Proto-

Karib. Este prefixo ainda pode ser acrescentado do prefixo de 2O pois, segundo Gildea (1992:92) a maioria das variações sincrônicas são suplementadas ou substituídas por 2O.

É possível que, em Ikpeng, o prefixo /kɨ-/ tenha sido reanalisado como sendo constituído de dois prefixos: /k-/ "primeira pessoa do singular" e /o-/ "segunda pessoa", ou seja, a vogal /ɨ/ do prefixo teria sido substituída por /o/, por analogia com o marcador de segunda pessoa /o-/.

Tais constatações permitem chegar ao seguinte esquema de seleção de formas pronominais do verbo transitivo:

Argumentos em função de: A	O	Marcado no verbo: 'sujeito'(A)	'objeto'(O)	*portmanteau* (A/O)
3	1		O	
3	2		O	
3	1+2		O	
3	3		O	
1	3		O	
2	3	A		
1+2	3	A		
1	2	A	O	
2	1			A/O

III.3. Hierarquia de Pessoas

Segundo Zwicky (1977), a marcação das relações interpessoais é governada por uma hierarquia de pessoas, considerada universal. As pessoas 1, 2 e 3 estabelecem uma ordem crescente de preferência na marcação de caso: 1 > 2 > 3 que, segundo o autor, é atestada na grande maioria das línguas do mundo.

Conforme mostraremos a seguir, o Ikpeng não aponta para uma hierarquia de pessoa, aos moldes de Zwicky (1977). Podemos dizer que os marcadores de pessoa tratam igualmente a primeira e a segunda pessoas, quando estas se interrelacionam, por exemplo:

1A/2O → kwatpolɨ
k- w- - atpo - lɨ
1A - 2O - furar - IM.
'eu furei você'

2A1O → ugwatpolɨ
ugw - atpo - lɨ
1O/2A - furar - IM.
'você me furou'

Como é possível observar, na situação em que a primeira pessoa ocorre em função de A e a segunda em função de O, marcam-se ambas no verbo. Portanto, pela

hierarquia, elas seriam equivalentes. No caso em que a segunda pessoa é A e a primeira é O ocorre o morfema portmanteau, que marca A e O simultaneamente, confirmando a equivalência entre primeira e segunda pessoas.

$$1 \approx 2$$

Na situação em que a terceira pessoa se relaciona com a segunda, esta última é marcada, tanto na posição de sujeito (A), quanto na posição de objeto (O): (2A/3O ou 3A/2O), como mostram os exemplos:

2A/3O → matpoɨ
m - atpo - ɨ
2A - furar - pass. imed.
'você furou ele'

3A/2O → watpoɨ
w - atpo - ɨ
2O - furar - pass. imed.
'ele furou você'

Também a primeira pessoa do plural inclusivo (1+2), ainda na relação com a terceira pessoa, é sempre marcada, tanto na posição de A (1+2A/3O) quanto na posição de O (3A/1+2O), por exemplo:

1+2A/3O→ kuretkaweɨ̃

kur - etkawe - ɨ̃

1+2A - pisar - IM

'nós pisamos nele'

3A/1+2O→ ugwetkaweɨ̃

ugw - etkawe - ɨ̃

1+2O - pisar - IM.

'ele nos pisou'

2, 1+2 > 3

O Ikpeng foge à hierarquia proposta por Zwicky, também na situação em que a primeira pessoa se interrelaciona com a terceira. Marca-se no verbo a pessoa que ocupar a posição de objeto. Neste caso, as pessoas são tratadas igualmente, o que estabelece a marcação é a prevalência de O sobre A, ou seja, a primeira pessoa será marcada se estiver em função de O, assim como a terceira pessoa será marcada, se estiver em função de O. A primeira e a terceira pessoa são hierarquicamente equivalentes, como apontam os exemplos:

3A/1O → gatpoɨ̃

g - atpo - ɨ̃

1O - furar - pass. imed.

'ele me furou'

1A/3O → yatpoli

y - atpo - li

3O - furar - pass. imed.

'eu furei ele'

$$1 \approx 3$$
$$O > A$$

Concluímos que, em Ikpeng, a segunda pessoa, assim como a primeira pessoa do plural inclusivo, são superiores à terceira pessoa. A primeira pessoa é equivalente à segunda pessoa, porque marcam-se, simultaneamente, 1 e 2; e é equivalente a terceira, porque não há a preferência por uma pessoa, mas sim pelo papel sintático que ela desempenha na frase:

Considerando genericamente uma hierarquia de pessoas na língua Ikpeng, poderíamos estabelecer a seguinte fórmula hierárquica:

$$(2 > 3) \approx 1$$

III.5. O Sistema de Marcação de Caso nas Orações Independentes da Língua Ikpeng

No que segue, os marcadores são agrupados conforme o participante que codificam e a oposição básica em cada situação.

Cada quadro contém os prefixos empregados na língua para marcar os participantes usados com verbo intransitivo (Sa e So) e aqueles usados para marcar os participantes de construções com verbo transitivo (A,O)

No caso de verbo transitivo, as formas para A e O serão diferentes, dependendo da situação particular envolvida, como mostramos a seguir:

Considerando-se as situações envolvendo 2 ou 1+2, em que o outro participante é a terceira pessoa:

	Sa	A	O	So
2	m-	m-	o-	o-
1+2	kur-	kur-	ugw-	ugw-

A partir destas situações, concluímos que o sistema é ativo/estativo, porque marca Sa igual a A e So igual a O, como mostra o esquema:

Sistema ativo/estativo

A	O
Sa	So

Nos casos em que a relação se estabelece entre a primeira pessoa e a segunda, tem-se o seguinte esquema:

	Sa	A	O	So
1	k-	k-	ugw-	g-,~~i-~~
2	m-	ugw-	o-,w-	o-,w-

Quando 1 é A e 2 é O, marca-se Sa igual a A e So diferentemente de O. Na situação em que 2 é O e 1 é A, marca-se Sa diferentemente de A e So igual a O. Em ambas as situações temos a formação do sistema tripartido.

Sistema tripartido

1A2O

A	O
Sa	So

2A1O

A	O
Sa	So

Considerando-se a primeira pessoa em função de A e a terceira pessoa em função de O, tem-se o seguinte esquema:

	Sa	A	O	So
1	k-	∅	g-	g-

Neste caso o sistema é novamente tripartido, da mesma forma que 2A1O, porque marca So e O igualmente, mas diferentemente de Sa e de A.

Sitema Tripartido

A	O
Sa	So

As formas que codificam os participantes de terceira pessoa em oposição a primeira pessoa ou a outra terceira pessoa são:

	Sa	A	O	So
3	∅	∅	i-, y-/t-,∅	t,∅,y-,i-

Sendo assim, o sistema de marcação de caso, nestas situações, é ativo/estativo, pois marcam-se igualmente A e Sa, mas diferentemente de So, que é marcado igual a O.

Sistema ativo/estativo

A	O
Sa	So

Uma análise morfossintática dos marcadores de pessoa referentes a S, A ou O mostra que a seleção do prefixo é determinada pela natureza do verbo (ativo/estativo) e por uma hierarquia de pessoas [(2 > 3) ≈ 1]

Através destes prefixos marcadores de pessoa, comparando-se os transitivos com os intransitivos e com os marcadores de possuidor, determinamos um esquema para estabelecer o sistema de marcação de caso:

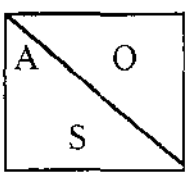
Resumindo as colocações acima, os marcadores de pessoa do Ikpeng configuram um sistema de marcação de caso que inclui os seguintes subsistemas:

a) *ativo-estativo*, nas combinações 2A/3O, 1+2A/3O, 3A/3O, 3A/1O, 3A/2O, 3A/1+2O, tendo em vista que a preferência é por marcar a segunda pessoa, bem como a primeira pessoa do plural inclusivo em vez de marcar a terceira pessoa.

b) *tripartido*, na combinação 1A/2O, em que é marcado A, So e O diferentemente, mas Sa igualmente a A; e nas combinações 1A/3O, 2A/1O, em que é marcado A, Sa e O diferentemente, mas So igualmente a O.

No que respeita à ordem de constituintes da oração independente da língua Ikpeng, como referido no capítulo II.3., podemos constatar que as ordens VAO, VS; OVA, VS e AVO, SV determinam o sistema nominativo, tendo em vista que marca A igualmente a S e diferentemente de O, como mostra o esquema abaixo:

Sistema Nominativo



III.6. A língua Ikpeng como língua da família Karib:

Os estudos existentes sobre línguas da família Karib denotam uma subdivisão entre línguas Karib do Norte e línguas Karib do Sul do Amazonas. Num estudo comparativo sobre a morfossintaxe de algumas destas línguas (Hixkariana, Carib do Suriname, Makuxi, Kuikuro, Panare, Waiwai, Bakairi, Apalaí), Gildea propôs dois sistemas verbais: o Set I das línguas Karib de sistema nominativo e o Set II das línguas Karib de sistema ergativo.

O Set I e o Set II agrupam as línguas através das diferenças relacionadas a cinco propriedades morfossintáticas:

a) Os afixos pessoais;

b) os sufixos de tempo, modo e aspecto;

c) a ocorrência de auxiliar do verbo;

d) a marcação de caso;

e) a ordem de palavras (constituintes da oração).

Características das línguas do Set I:

comportamento: o primeiro é o grupo de prefixos orientados para A; o segundo é o grupo de prefixos orientados para O.

Hoff (Carib), Derbyshire (Hixkaryana), Koehn (Makuxi), apud Gildea (1992) consideram que os prefixos marcam S e A/O é marcado através de *port-manteau*. O sistema seria morfologicamente ergativo. Para Franchetto (Kuikuro), ocorre um "split nominative", isto é, algumas vezes a concordância é nominativa, outras vezes o sistema é tripartido, com diferentes formas de se marcar A, O e S.

As categorias de tempo, modo e aspecto verbais são marcadas por sufixos. O tempo se classifica em: passado, com diferentes graus, como: imediato, recente, longínquo, remoto etc.; e não passado, com um mesmo sufixo para presente e futuro. Neste Set, o aspecto verbal possui valor evidencial. Os verbos não possuem auxiliar.

Segundo Gildea, o sistema predominante no Set I é o nominativo. A marcação de caso não ocorre em orações dependentes, somente nas independentes, pois as dependentes são nominalizadas, portanto S ou O são absolutivos enquanto A é oblíquo.

A ordem básica, nas orações independentes, é tida como OVA ou AOV, para verbos transitivos e VS ou SV, para verbos intransitivos. A ordem OV é bastante rígida, isto faz com que A seja um constituinte periférico, podendo ocorrer antes de O ou depois de V.

Características das línguas do Set II:

As línguas que caracterizam o Set II possuem prefixos marcadores de pessoa (1, 2 e 3) para o sistema absolutivo e sufixos marcadores de pessoa para o sistema ergativo. Os clíticos pessoais se apresentam em distribuição complementar com as locuções nominais absolutivas e ergativas, sendo que nas ergativas é acrescentado o sufixo pessoal.

Tanto a categoria de modo quanto a de aspecto são sufixadas ao verbo, já a de tempo, ao contrário das línguas do Set I, é geralmente marcada através de um auxiliar. Os sufixos de tempo, modo e aspecto formam um conjunto muito claro de cognatos. O verbo morfologicamente finito, nas orações dependentes, funciona como complemento nominal, mesmo que não seja nominalizado.

As línguas do Set II são consideradas ergativas. Existe uma subdivisão entre línguas ergativas do Norte, que são ergativas somente nas orações independentes e as línguas ergativas do Sul, em que a maioria das orações independentes são ergativas, porém algumas orações transitivas são variantes por possuírem um prefixo extra "de-ergativizador", por este motivo os prefixos absolutivos são iguais a A e não a O do verbo "de-ergativizado". Nesse último caso, a ordem de constituintes é rígida no que diz respeito a AV, e O passa a ser o constituinte periférico. No restante, o Set II possui como ordem básica OVA, para verbos transitivos e SV, para verbos intransitivos, demonstrando que é organizada ergativamente.

As Línguas Mistas:

Segundo Gildea, a morfossintaxe da oração independente não pode ser descrita exclusivamente em termos do Set I ou do Set II, tendo em vista que há uma união entre os dois sistemas, tornando a língua mista.

Observou-se nas línguas que um sub-conjunto de orações independentes no passado usam o Set I, e o restante do sistema é expresso pelo Set II. Além disso, o Set II não é tão nítido e coerente, algumas vezes o auxiliar é flexionado como o Set I e algumas vezes A não é marcado nem como oblíquo, nem como ergativo.

Os morfemas do Set I e do Set II diferem em som e significado, portanto não podem ser reconstruídos como um sistema único. Cada um dos três tipos de línguas modernas (Set I, Set II e mista) pode logicamente representar um reflexo consevador do sistema verbal do Proto-Carib.

Gildea formulou três hipóteses para explicar a distribuição do Set I e do Set II nos sistemas verbais:

1) Ambos existiam nas orações independentes da Proto língua, por isso as línguas mistas seriam conservativas, ou seja, as línguas nominativas perderam o Set II enquanto que as línguas ergativas perderam o Set I.

2) As orações independentes da Proto língua tinham como sistema o Set I, e o Set II seria derivação recente a partir de fontes não verbais. Sendo assim, as línguas

nominativas seriam conservativas e as ergativas e mistas seriam estágios de inovação.

3) Concordando com Derbyshire, a terceira hipótese de Gildea (1992) se baseia em que as orações independentes da Proto língua tinham como sistema o Set II, e o Set I derivou-se de outras fontes. As ergativas seriam conservativas, e as mistas e nominativas, variantes de estágios de inovação.

O Sistema Verbal do Ikpeng:

No quadro abaixo comparamos as características do Set I com as do Set II, de acordo com as diferenças entre as cinco propriedades morfossintáticas expostas anteriormente.

Numa terceira coluna assinalamos as evidências do Set I e do Set II encontradas na língua Ikpeng, mostrando que se trata de uma língua mista porque possui características de ambos os sistemas.

	Set I	Set II	Ikpeng
afixos pessoais	1, 2, 3, 1+2, 1+3 prefixos	1, 2, 3 prefixo = absolutivo sufixo = ergativo	Set I
tempo, modo e aspecto	passado vs. não passado	conjunto claro de cognatos	Set I
auxiliar do verbo	não ocorre	ocorre	Set II
marcação de caso	nominativo	ergativo	ativo/estativo tripartido
ordem básica de constituintes	OVA, VS AOV, SV	OVA, SV VAO, VS	VAO (Set II) VS

Por esta comparação, concluímos que a língua Ikpeng é uma língua do tipo mista, conforme classificação das línguas Karib proposta por Gildea (1992). Porém, o Ikpeng não envolve apenas os Sets I e II, como também possui características particulares, comprovando que as subdivisões dentro da família linguística Karib é muito ampla e complexa.

IV

CONCLUSÃO

Nesta dissertação apresentamos uma proposta de análise do sistema de marcação de caso nas orações independentes da língua Ikpeng. Como a língua não possuía estudos gramaticais, foi necessário incluir, minimamente, uma análise preliminar de aspectos morfossintáticos, focalizando as classes de palavras e a estrutura da oração independente.

Frantomé Pacheco dará continuidade ao estudo dos aspectos morfossintáticos da língua Ikpeng, este é o tema de sua tese de doutorado.

Antes de tratar especificamente do sistema de marcação de caso no Ikpeng, levamos em consideração alguns pressupostos teóricos, que, aos moldes de Klimov (1972, 1977), Kibrik (1977), Dixon (1979), entre outros, forneceram subsídios para a interpretação dos dados quanto à ordem dos constituintes, à hierarquia de pessoas e

interpretação dos dados quanto à ordem dos constituintes, à hierarquia de pessoas e à marcação de caso. A língua Ikpeng possui um sistema de marcação de caso cindido, que pode ser considerado ativo/estativo em sua maioria, com cisões do tipo tripartido e nominativo.

Em comparação com trabalhos já existentes de outras línguas da família Karib, como Panare, kuikuro, Makushi, entre muitas outras analisadas por Gildea (1992), num trabalho comparativo, constatamos que a língua Ikpeng é uma língua mista.

Porém, não corresponde totalmente às línguas mistas conforme proposta de Gildea (1992), porque, além das características do Set I e do Set II, o Ikpeng possui outras características que não foram consideradas naquela proposta e que, portanto, são foram contempladas em sua classificação, mostrando a complexidade em se agrupar as línguas da família Karib.

Este trabalho poderá contribuir para o desenvolvimento de trabalhos comparativos entre línguas Karib. Poderá, também, contribuir para o desenvolvimento de uma educação formal bilingue, tendo em vista as considerações feitas sobre aspectos fonológicos, morfológicos e sintáticos.

Nesta dissertação, não houve pretensão de exaustividade no estudo do sistema de marcação de caso do Ikpeng. Trata-se de uma primeira abordagem que permitirá avançar na investigação da língua, que não contava, até recentemente, com nenhum estudo gramatical.

Tem-se em vista desenvolver, em nível de doutorado, o estudo sobre a fonologia do Ikpeng, considerando-se as perturbações no reconhecimento da palavra ortográfica.

NOTAS

1. É necessário realizar um estudo exaustivo da fonologia da língua Ikpeng, tendo em vista que dela depende não apenas uma análise aprofundada dos casos de alomorfia, alguns dos quais surgem no âmbito desta dissertação, como também uma análise da prosódia, que se faz relevante para interpretar a palavra ortográfica da escrita Ikpeng, que vem sendo implantada pelos monitores de educação da comunidade, sob minha assessoria e de Frantomé B. Pacheco, durante os Cursos de Formação de Professores Indígenas do Parque Xingu, ministrados pelo ISA.

2. NÓS FOMOS FAZER CASA

Nós fomos fazer casa em novembro. Nós fomos plantar roça no Ronuro.

Nós saimos daqui de manhã. Nós subimos com duas canoas. Uma era carregadora de rama de mandioca e a outra era carregadora de nossa comida. Assim que nós subimos.

Quando foi meio-dia, nós fomos na foz do Ronuro e entramos no Ronuro. Quando foi entardecendo, nós nos aproximamos da foz do Steinen e quando o

sol estava bem ali. nós limpamos o nosso lugar e penduramos (amarramos) nossa rede.

Depois nós fomos pescar nossa comida. Eu com Yaupa, Arinka, Amputxa, todos nós. Nós pegamos: piranha, tucunaré, pintado, piranha pequena. Enquanto isso, Ataki com Komoru foram levar rama de Mandioca, antes que nós, andaram metade do nosso caminho.

Minha irmã cozinhou peixe e nós comemos. Em seguida, chegaram aqueles que levaram a rama de mandioca. Quando começou a escurecer, choveu. Meia-noite parou de chover. Saímos ao amanhecer.

Perto das ramas de mandioca amanheceu. Nós guardamos as ramas na nossa canoa. Meu cunhado ligou o motor; mas no meio do caminho nosso motor estragou.

Nós encostamos para testar o motor, mas meu cunhado não conseguiu testá-lo. Enquanto isso, o outro barco já estava bem a frente de nós. Ele nos esperou e decidiu voltar para buscar a gente.

Enquanto os outros estavam vindo para nos buscar, o pai do meu cunhado pegou nossa comida: piranha e madubé. Minha irmã acendeu o fogo para assar o peixe. Quando foi 16:00 horas, apareceu o barco para nos buscar.

Nós entramos no barco e guardamos nossas coisas. Meu cunhado carregou aquele outro, que era nosso barco para o mato, para que ele não rodasse no rio. Quando estávamos nos aproximando da roça, começou a

chover, depois parou. O Sol estava sobre as árvores, quando nós encostamos na beira da terra, no lugar onde ficaria a casa.

__Chegamos, chegamos!__ Nós dissemos.

Carregamos nossas coisas, nossa comida, amarramos a rede, acenderam o fogo e fizeram o barraco. Quando estava escurecendo, choveu de novo, mas de manhã parou.

Bem cedo nós carregamos rama de mandioca para a roça. Ogotá cavou buraco para rama de mandioca, ele estava cavando e plantando. Nós plantamos toda a roça, durante dois dias. No outro dia eles foram procurar lugar da casa.

Quando eles escolheram, nós fomos limpar o lugar: arrancamos todos os tocos. No outro dia nós fomos cortar (derrubar) esteio. Levantamos esteio, travessão, esteio dos lados, caibros, ripas (costelas). Foi assim que começamos a fazer a casa.

No outro dia, nós começamos a armar as costelas. Um pessoal estava amarrando as costelas e outro estava buscando cobertura (para cobrir). Foi assim que ficamos.

Quando nós já amarramos as costelas, nós começamos a construção. Daí, foi construída uma casa com buruti. Nós deixamos sem cerca. Nós acampamos para matar nossa caça: macaco, macaco preto (João), jacú, tucano, mutum, jacutinga. Nós matamos toda nossa caça em dois dias.

No outro dia, nós saimos de volta para a aldeia. Nós chegamos para cá.

A casa que nós fizemos fica no lugar onde foi marcado nosso limite. Nós fomos fazer casa porque o branco sempre entrava. Vai ter pessoa lá, vigilante do branco, naquele lugar delimitado. Foi assim que eu fui no Ronuro. Estou parando de escrever por aqui, estou indo...

3. Comrie (1978) utiliza a letra P para referir-se ao argumento em função de objeto. Nesta dissertação, aos moldes de Dixon (1979), utilizamos a letra O para indicar esta mesma função de objeto. Portanto, trata-se apenas de uma questão de representação. A fim de não perturbar a leitura, utilizamos O em vez de P também ao abordarmos a proposta teórica de Comrie.

Tabela 1: Classificação proposta por Girard (Proto Carib, 1972):

1. Cumaná	2. Makirritare	3. Pemon	4. Wayana	5. Wayway	6. Carib	7. Tiriyó	8. Yawarana	9. Aparai	10. Paushiana	11. Bonari	12. Arara	13. Bakairi	14. Motilon	15. Miscellaneous
Chayma	Maionggang	Arekuná	Wayana	Wayway	Carib	Tiriyó	Yawarana	Aparai	Paushiana	Bonari	Apiaká	Bakairi	Motilon	Opon-Carare
Cumanápoto	Yekwana/Dekwana	Ingarikó	Upurui	Hishkaryana	Galibi	Kumayena	Mapoyo?		Paravilhana	Crishaná	Arara	Kuikurú	Yukpa	Panare
† Palenque	Makirritare	Kamarakoto	Arakwayú	Kachuyana	kalihna	Pauxi				Sapará	Ipurukoto	Pariri	Nahukwa	Japreria † Palmella
† Piritu	Wayumurá	Taulipang	Tiverikoto	Parukoto	Akawoyo?	Pianakoto				Porokoto	Yarumá	Yamarikuma	etc.	† Pimenteira
† Avaricoto	† Tamanaco?	Makuchi	Yso			Saluma				Purukoto				
† Tamanaco?		Mapoyo?				Tirtometesem				Yawaperi				
Mapoyo?						Umkuena								
						Wama								
						Carijona								
						Guake								
						Hianákoto-Umawa								

Tabela 2: Classificação proposta por Durbin (Proto Cariban, 1977):

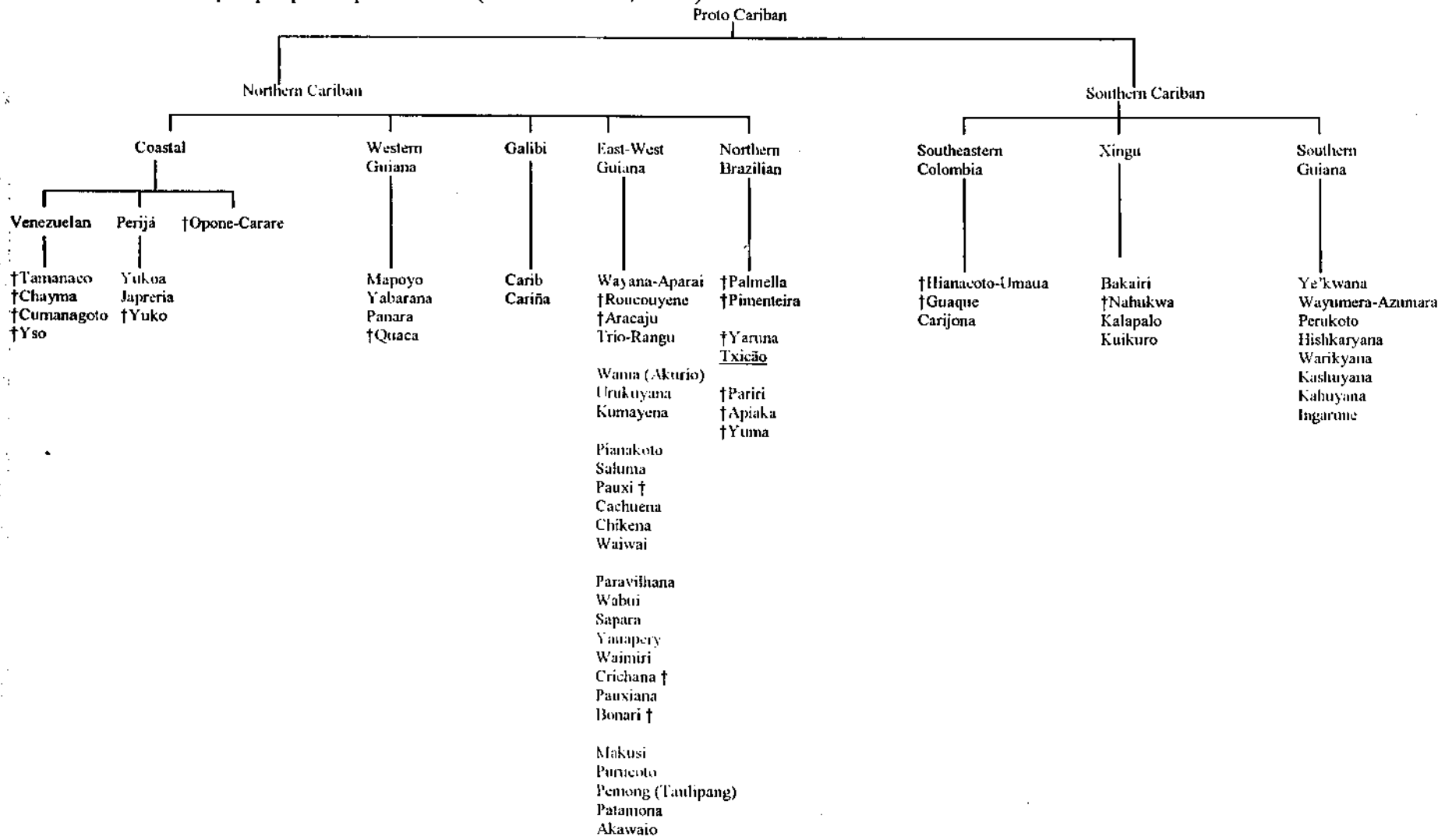
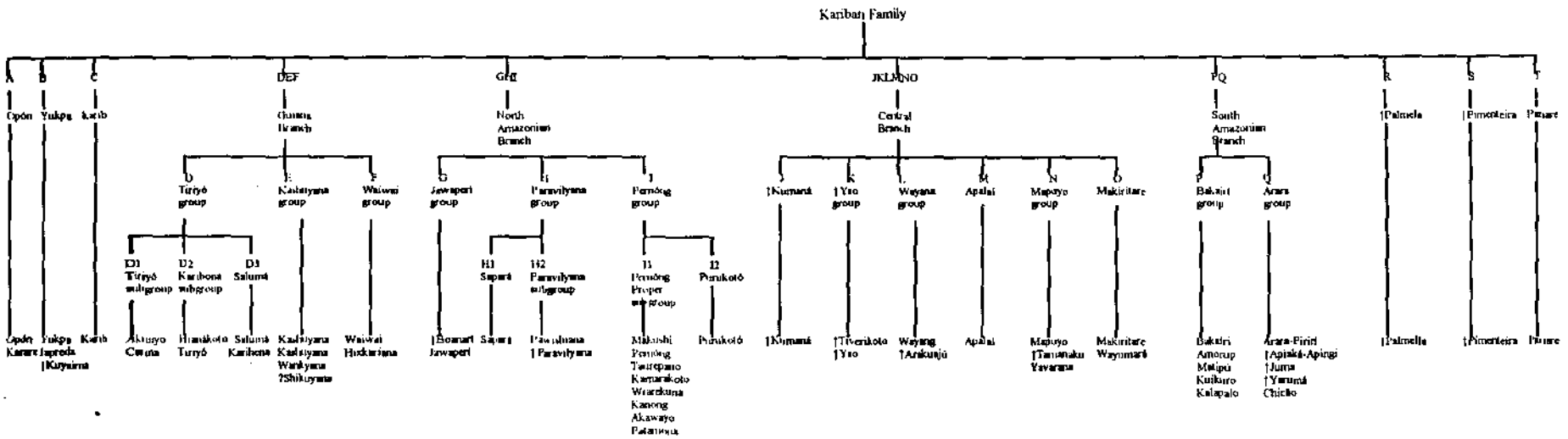


Tabela 3: Classificação proposta por Kaufman (Kariban Family, 1989)



SUMMARY

This dissertation provides a preliminary description of the Case Marking System in the Independent Clauses of the Ikpeng Language, also known as Txikão. This is a language of Karib affiliation, spoken in the Upper Xingu region, satae of Mato Grosso, in Central Brazil.

The work also includes a description of phonological and morphosyntactic aspects of the language, that until recently remained poorly studied.

BIBLIOGRAFIA

BISOL, L. (1992) *Aspectos da Fonologia Atual*. D.E.L.T.A. 8, (pp.263-83).

BOLINGER, D. (1981) Two kinds of vowels, two kinds of rhythm. Bloomington: Indiana University Linguistics Club.

BYBEE, J. L. (1985) Morphonology: a study of the relations between meaning and form. Amsterdam, John Benjamins.

COMRIE, B. (1978) *Ergativity*. In: Syntactic Typology. Ed.: W. P. Lehmann, p. 329-394. Austin, University of Texas Press.

COMRIE, B. (1981) Language Universals and Linguistic Typology. Syntax and Morphology. Basil Blackwell: Oxford. cap. 5-6.

CRAIG, C.G. (1990) "*Linguistic Fieldwork: the case of Rama*". University of Oregon.

CRUTTENDEN, A.(1986) Intonation. Cambridge University Press.

DERBYSHIRE, D.C. (1979) *A select bibliography of Guiana Carib Languages*. In: International Journal of American Linguistics 45. pp. 271-76.

DERBYSHIRE, D.C. & Geoffrey K. Pullum (1981) *Object initial languages*. In: International Journal of American Linguistics 47. pp. 192-214.

DERBYSHIRE, D.C. (1985) Hixkaryana and Linguistic Typology. A Publication of The Summer Institute of Linguistics & The University of Texas at Arlington.

DERBYSHIRE, D.C. & Geoffrey K. Pullum (1986) Handbook of Amazonian Languages, vol. 1 Ed. Mouton de Gruyter.

DERBYSHIRE, D.C. (1987) *Morphosyntatic Areal Characteristics of Amazonian Languages.* IJAL, vol. 53. pp. 311-326.

DERBYSHIRE, D.C. (1994) *Clause Subordination and Nominalization in Tupi-Guaranian and Cariban Languages.* In: Revista Latinoamericana de Estudios Etnolinguisticos, vol. VIII pp. 179-198.

DIXON, R.M.W. (1979) *Ergativity.* Language 55. pp. 59-138.

DRESSLER, W.U. (1985) Morphonology: the dynamics of derivation. Michigan. Karoma Publishers.

ELSON, B. F. (1921) Introdução à morfologia e à sintaxe |por| Benjamin Elson |e| Velma Pickett; tradução de Aryon D. Rodrigues |e outros|, coordenação e revisão de Marta Coelho. Petrópolis, Vozes, 1973.

EMMERICH, C. A Fonologia Segmental da Lingua Txikão: Um exercício de análise. Museu Nacional, UFRJ.

EMMERICH, C. Padrões Distribucionais da Língua Txikão. Museu Nacional, UFRJ.

FRANCHETTO, B. (1990a) *A ergatividade de kuikuro (karib): algumas propostas de análise.* In: L. Seki (org.) Cadernos de Estudos Linguisticos 18. pp. 57-88.

FRANCHETTO, B. (1990b) *Ergativity and nominative in Kuikuro and other Carib Language.* In: D. Payne (ed.) Amazonian Linguistics: studies in Lowland South American Languages. Austin, University of Texas Press.

GALVÃO, E. & M. F. Simões. (1965). *Notícia sobre os Índios Txikão - Alto Xingu.* Em: Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém- PA.

HOFF, B. I. (1986) *Evidentiality in Carib*. Línguas 69. pp. 45-128.

GILDEA, S.L.O. (1992) Comparative Cariban Morphosintax: On the Genesis of Ergativity in Independent Clauses. Tesis. University of Oregon.

GILDEA, S.L.O. (1994) *The proto-cariban and tupi-guarani object nominalizing prefix.* In: Revista Latinoamericana de Estudios Etnolinguisticos, vol. VIII. pp.163-177

HAWKINS, W.N. (1962) A Morfologia do Substantivo na Língua Uaiuai. Publicações Avulsas do Museu Nacional.

KIBRIK, A.E. (1990) *As línguas semanticamente ergativas na perspectiva da tipologia sintática geral.* In: L. Seki (org.) Cadernos de Estudos Linguísticos 18. pp. 13-36. Campinas, Unicamp/IEL.

KLIMOV, G.A. (1979) *On the Position of the Ergative Type in Typological Classification.* In F. Plank, 1979(ed.)

LYONS, J. (1979) Introdução à Linguística Teórica. São Paulo: Companhia Editora Nacional / EDUSP.

MENGET, P.(1977) Les Txicao et le Haut-Xingu. École Pratique des Hautes Études, Université de Nanterre, Paris X.

MERLAN, Francesca (1985). *"Split Intransitivity: functional oppositions in intransitive inflections".* In: Nichols & A. C. Woodburry (1985), pp. 324-362.

NESPOR, M. & VOGEL, I. (1986). Prosodic Phonology. Foris Publications.

NICHOLS, J. & A. C. Woodbury (1985) Grammar inside and outside the clause. Cambridge. Cambridge University Press.

PACHECO F. B. (1997) Aspectos da Gramática Ikpeng (Karib). Dissertação de Mestrado. Campinas: IEL/UNICAMP.

PAYNE, D.L. (1990) *Morphological Characteristics of Lowland South American Languages*. In: Amazonian Linguistics. University of Texas Press, Austin.

PAYNE, T. (1990) *Transitivity and ergativity in Panare*. In: D.L. Payne (ed.) Amazonian Linguistics: studies in Lowland South American Languages. pp. 495-541. Austin,University of Texas Press.

PLANK, F. (1979) (ed.) Ergativity: Towards a Theory of Grammatical Relations. London, Academic Press.

RODRIGUES,A.D.(1986) Línguas Brasileiras: Para o conhecimento das línguas indígenas. vol. 11. Edições Loyola. São Paulo.

SAMARIN, W. (1967) Field linguistics: A gide to linguistic fieldwork. Holt, Riverhart and Winston.

SELKIRK, E.O. (1984) Phonology and Syntax: The Relation between Sound and Structure. The MIT Press.

SEKI, L. (1982) *Marcadores de Pessoa do Verbo Kamaiurá*. Em: Cadernos de Estudos Linguísticos 3. pp. 22-40. Campinas: Unicamp/Funcamp.

SEKI, L. (1990) *Kamaiurá (Tupi-Guarani) as an active-stative language*. In: Payne (ed.) Amazonian Linguistics studies in Lowland South American Languages. pp. 367-391. University of Texas Press: Austin.

SHOPEN, T. (1985). Language Typology and Syntactic Description. vol. 1: Clause structure; vol. 2: Complex constructions; vol. 3: Grammatical categories and the lexicon. Cambridge University Press.

SILVERSTEIN, Michael (1976) *"Hierarchy of featurs and ergativity"*. In: R. M. W. Dixon (ed.) Grammatical Categories in Australian Languages. pp. 112-171. Canberra: Australian Institute of Aboriginal Studies.

ZWICKY, A. M. (1977) *Hierarchies of person*. CLS 13. 714-33